

Relatório do Projeto de Investigação

Os Contributos do Trabalho de Grupo nas Aprendizagens das Crianças

DHAYANE BARBOSA SOARES 160140027

Relatório da Componente de Investigação da Unidade Curricular Estágio IV do
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º ciclo do Ensino Básico

Relatório do Projeto de Investigação

Orientador: Professor Doutor Jorge Pinto

Agradecimentos

Primeiramente a Deus.

À minha família e amigos.

Ao meu professor, pelo apoio incansável e motivação.

Sem vocês este trabalho seria inexistente. Obrigada.

Resumo

O presente estudo, foi desenvolvido em contexto de estágio, em 1.º Ciclo do Ensino Básico, mais precisamente numa turma de 3.º ano do Ensino Básico e refletiu um percurso de investigação que explora estratégias de aprendizagens em grupo.

Trata-se de perceber de que forma a metodologia do trabalho de grupo contribuiu para as aprendizagens dos alunos. Esta experiência foi centrada no aluno que tem um papel ativo no processo de ensino-aprendizagem.

Os principais objetivos desta investigação foram: analisar práticas do trabalho de grupo em sala de aula; compreender como os alunos interagem entre si; perceber de que forma o trabalho de grupo contribuiu para a aquisição de aprendizagens; fazer um balanço das potencialidades e desvantagens desta metodologia.

Este estudo, do ponto de vista metodológico, insere-se numa abordagem qualitativa. Os dados foram recolhidos através de questionários; observação e análise de documentos iniciais aos alunos e à professora titular e à observação dos trabalhos desenvolvidos em grupo.

Em termos gerais os dados obtidos revelaram que o trabalho de grupo contribuiu de forma positiva para as aprendizagens dos alunos permitindo desenvolver a cooperação e interação entre os alunos. O estudo possibilitou uma reflexão sobre a metodologia do trabalho de grupo e no papel da aprendizagem cooperativa entre os alunos.

Palavras-chave: Aprendizagem em grupo, Cooperação, Trabalho de grupo.

Abstract

The present study was developed on a Primary Education internship environment, specifically on a 3rd grade class, and it reflects the journey of investigating the strategies of group learning.

It aims to explain in what way the method of group leaning impacts the education of students. This experience is centered in the student, who plays a vital role in the teaching-learning process.

The main goals of this investigation were: analyze group practices in a real class room atmosphere; understand how students interact between themselves; realize in what way working as a group contributes to the gaining of new skills and learning; balance out the advantages and disadvantages of this practice.

This study, from a methodologic point of view, it's a qualitative approach. The data was collected through quizzes, observation and analysis of students, teacher, and the development of group projects.

As an overall view, the collected data showed that group learning contributes positively to students' education, allowing cooperation and interaction between them. This study allows us to reflect about the methodology of group learning and about its role on the students' education.

Keywords: Group Learning, Cooperation, Team work.

Índice	
Capítulo I.....	6
Introdução	6
Capítulo II.....	11
Quadro Teórico de Referências.....	11
1. Aprendizagem cooperativa	11
Breve história da aprendizagem cooperativa	13
O trabalho em grupo e as suas características	17
Elementos essenciais da aprendizagem cooperativa.....	17
O grupo e a sua dinâmica.....	19
Comportamentos do grupo.....	19
Benefícios e desvantagens da aprendizagem cooperativa	21
O papel do professor	22
Capítulo III	24
Metodologia de investigação	24
Investigação qualitativa.....	24
A investigação-ação	25
As etapas da Investigação	25
Técnica de instrumentos de recolha e tratamento de dados.....	26
Observação-participante	26
Notas de campo.....	27
Questionário	27
Análise documental.....	28
Entrevista	28
Contexto do Estudo	29
Descrição dos Procedimentos de Intervenção.....	31
Capítulo IV	33
Apresentação e Análise dos Dados	33
Análise das tarefas - Grupos de 2 elementos	33
1ª. Atividade – A fábrica das histórias.....	33
2ª tarefa – Correção dos textos sobre A fábrica das histórias.....	40

Análise das Tarefas - Grupos de 3 elementos.....	45
1ª. Atividade – A difusão do gelo	45
2ª. Atividade - Trabalho com os números	53
Capítulo V	58
Considerações Finais.....	58
Referências	62
Apêndices	63
Figura 1 - Fábrica das Histórias	63
Figura 2 - Trabalho Ciências.....	64
Figura 3 - Grupo de trabalho.....	64
Figura 4 - Apresentação do trabalho	64

Capítulo I

Introdução

Para iniciar este trabalho considero necessário apresentar alguns pontos considerados fulcrais para a escolha do tema de estudo. É, então, preciso apresentar o tema a ser investigado e as respostas que pretendo obter com este trabalho. Para que isso fosse possível, a primeira etapa deste projeto foi a escolha da questão-problema a ser estudada. A organização do trabalho dos alunos e como este é desenvolvido tem sido um tema recorrente nas discussões sobre a melhoria do ensino e aprendizagem. Após refletir sobre este aspecto decidi tomar esta problemática como objeto deste trabalho. Deste modo o tema orientador deste trabalho consiste em perceber de que forma o trabalho de grupo pode contribuir para o processo de aprendizagem das crianças. Sendo assim o objetivo será responder à questão-problema “De que forma os contributos do trabalho de grupo pode contribuir para as aprendizagens das crianças?”

As bases de um projeto de investigação são constituídas pela identificação de uma situação problema, pela observação e tentativas de resoluções. A escolha do tema de investigação surgiu no contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico, com uma turma do 1.º ano onde foi possível observar que o trabalho cooperativo não era utilizado para a concretização trabalhos de sala de aula. As aulas eram lecionadas com base nas propostas apresentadas pelos manuais escolares. Apesar das tenras idades dos alunos, quando eram propostos trabalhos cooperativos era visível que não estavam habituados a partilhar ideias e resolver problemas em conjunto. Contudo, enquanto membro da sala de aula considero importante que tanto o professor como o aluno saibam respeitar o outro, as suas ideias e opiniões, muito embora estas possam ser divergentes. É igualmente importante desenvolver um clima de respeito mútuo, quer na forma de estar, quer relativamente ao trabalho que é desenvolvido, conducente às aprendizagens cooperativas, fundamentais para a aprendizagem de cada um. Uma das motivações que me levaram a escolher este tema foi exatamente o fato de saber e estar presente no dia-a-dia a questão de que vivemos em sociedade e, seja em questões pessoais ou profissionais, como a escola e/ou o nosso local de trabalho, precisamos e estamos sempre na presença do Outro. Alguém que devemos ouvir e respeitar enquanto pessoa e vice-versa. Apenas desta forma existirá harmonia em tudo que realizámos. Sendo assim, gostaria que estas crianças levassem este pensamento e forma de estar consigo. O maior objetivo é que compreendam e percebam

A ideia do trabalho de grupo surgiu durante o estágio com uma turma do 1º ano, como já referido anteriormente. No entanto só foi desenvolvido no semestre seguinte com uma turma do 3º ano, que fez parte do meu segundo e último período de estágio. Durante o primeiro estágio, o trabalho de grupo começou por me despertar o interesse porque, apesar de não ser uma metodologia utilizada frequentemente nas salas de aula, percebi que podia ser benéfico para os alunos, já que através desta metodologia é possível desenvolver a comunicação, a partilha ideias e a aprendizagem com o outro.

Perante as minhas observações, tanto na sala de aula como no dia a dia das pessoas, posso afirmar que o trabalho em equipa é algo que nos acompanha para o resto da vida, e por isso é fundamental transmitir às crianças desde cedo a importância da cooperação, da solidariedade e do respeito mútuo, que os auxiliará a viver numa sociedade que exige constantemente a presença destes valores. O ser humano é um ser vivo que está sempre em grupo, e, neste caso, é em contexto de sala de aula que a conceção de grupo ganha mais significado, pois trata-se de um ambiente onde os indivíduos estão reunidos e em partilha constante de informações, posturas e perspetivas sobre diferentes assuntos e experiências de diversas situações com vários pontos de vista. Estar em grupo pode apresentar diferentes vantagens, entre elas - e a que mais pode ser enfatizada - a aprendizagem. Para além disso, podem ser apresentados o desenvolvimento da comunicação, cooperação, entreajuda e a socialização. Para isto, é imperativo mencionar certos pontos fundamentais para convívio em grupo, como o respeito pelo outro e das suas perspetivas.

Felizmente, para a elaboração deste projeto, podemos caracterizar a turma em que esta investigação foi desenvolvida como sendo muito diversificada, já que era constituída por alunos de idades diferenciadas e de culturas distintas. Neste grupo, não eram evidentes quaisquer sinais de cooperação entre eles. Pelo contrário, persistia o individualismo e alguma competição, apesar dos alunos apresentarem algumas dificuldades de aprendizagens. Geralmente, os alunos recusavam-se a trabalhar com quem não tivessem uma relação de proximidade. Foi possível perceber, perante esta situação, que os laços de amizade e espírito de equipa que uma turma pode construir contribui para as suas aprendizagens. Tal como refere Sérgio Niza “A atuação na escola deve firmar-se em valores de justiça, de respeito mútuo, de livre expressão, de interajuda solidária e de reciprocidade nas relações de trabalho e de vida. É nesta procura de coerência que se define, para Sérgio Niza, o ato educativo” (Niza, Sérgio Niza - Escritos sobre Educação,

2012, p. 20). Esta afirmação, e posterior evidência em contexto real, foi uma motivação para a escolha do tema.

Os benefícios do trabalho de grupo são imensos. Integrar num grupo e interagir com elementos dotados de personalidades diferentes, com ideias e ideais distintos, pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades complexas e intelectuais de todos. Pois, ao lidar com os seus pares as crianças ensinam e aprendem o tempo todo. Deste modo, através das trocas de aprendizagens, o intelecto de cada criança é desenvolvido, sendo estimulado pela troca e partilha de conhecimentos, o que por sua vez contribuirá para a formação da personalidade de cada um enquanto estudantes e cidadãos do mundo. Um grupo heterogêneo de crianças, em sala de aula, potencializa o nível de aprendizagem de cada um dos intervenientes.

Utilizar a riqueza que todas as crianças trazem para a sala de aula pode tornar-se numa grande vantagem se o professor pretender e for capaz de tirar partido delas. Para tal, devemos olhar para a criança pelo que ela pode fazer em vez do que ela pode não fazer, desenvolvendo e estimulando as suas qualidades e conhecimentos, apostando cada vez mais na sua capacidade intelectual.

Uma vez que no trabalho de grupo, a tarefa a desenvolver implica a utilização da linguagem, este é um dos aspetos que pode sair mais beneficiado neste tipo de trabalho. Como a linguagem é parte estruturante do pensamento, também a aprendizagem dos diversos conteúdos pode sair beneficiada. Ou seja, com o desenvolvimento da linguagem existirá melhor partilha, por partes das crianças, dos seus pensamentos. Desta forma, a criança partilhará de forma clara o que pensa e os seus colegas perceberão de melhor maneira o que é explicado. Assim, com o desenvolvimento da linguagem, existem benefícios por parte de todos. “Interagindo verbalmente, as crianças aprendem sobre o mundo físico, social e afetivo, ao mesmo tempo que adquirem e desenvolvem os vários domínios da língua” (Sim-Sim, Silva, & Nunes, 2008).

Quem aposta no trabalho de grupo encontra uma alternativa para trabalhar com os alunos as competências sociais que precisam de ser expandidas, pois ao desenvolver esta forma de trabalho, os alunos deparam-se com problemas próximos da vida real, ao invés de algo que não é concreto, como a falta de comunicação, os conflitos e a falta de cooperação entre eles. Para além de todos os fatos apresentados anteriormente, o aspeto mais importante a ser frisado é como as escolas, ao apostar no trabalho de grupo, podem

contribuir para uma evolução de pessoas mais capazes de lidar com conflitos com outras pessoas, mais sociáveis e a forma como podem transformar os alunos em pensadores mais profundos, tanto com conteúdos escolares como os seus dilemas pessoais. Em suma, a educação dos alunos enquanto pessoas autónomas, dotadas de capacidades de raciocínio autónomo, é promovida através do trabalho entre pessoas.

Contudo, e ainda que pareça algo bastante intuitivo, existem equívocos que podem suceder perante o desenvolvimento do trabalho de grupo. Não basta apenas sentar um grupo de crianças em volta de uma mesa e apresentar a tarefa a ser desenvolvida, se continuam a praticar um trabalho individual. Não basta que os alunos sentados numa mesa não desenvolvam um trabalho cooperativo quando, por exemplo, existe um elemento que pergunta a resposta e um outro que simplesmente dá essa resposta. Não são estes os objetivos do trabalho de grupo. Estes são modos errados de trabalhar em cooperação. Para que o trabalho seja desenvolvido com sucesso, é necessário construir salas democráticas em que todos possam apresentar as suas visões, é necessário que os alunos estejam organizados de forma a promover o trabalho conjunto e garantir, nesse processo, que a participação das crianças nos grupos seja igualitária tanto de forma passiva como de forma ativa. Para isso, é necessário que não exista um elemento que domine o grupo e alguém que tenha ficado de fora da interação do grupo. Mas, antes demais, é preciso existir uma organização e preparação prévia da atividade em questão - se a mesma pode ser desenvolvida em grupo, se é possível observar as crianças e os seus envolvimento e, se existe a possibilidade de o professor apresentar os dar feedbacks adequados.

Os professores precisam de trabalhar para descobrir como aproveitar as oportunidades para resolver os problemas de participação desigual. Os professores devem encarar o trabalho de grupo como uma forma de desenvolver a participação entre todos. Ou seja, através dos trabalhos de grupos os professores não só desenvolvem a capacidade de existir cooperação entre os alunos, mas também a capacidade de resolução de conflitos e empatia uns com os outros. Os professores acabam por desenvolver também estratégias para integrar as crianças de forma benéfica para eles, na turma. Enquanto professores somos modelos – podemos moldar o tipo de linguagem e a forma como esperamos que os alunos interajam. Os professores são para os alunos modelos de referência dos quais constroem a sua identidade pessoal. Por isso mesmo, o professor deve trabalhar de forma intensa sobre cooperação e empatia, tanto de professor para aluno como de aluno para aluno. Um dos grandes objetivos e desafios deste trabalho é que as crianças percebam, através de

pequenos trabalhos, como é colocar-se no lugar do outro, respeitar o outro e apoiar o desenvolvimento e aprendizagens do colega, independentemente do grau de dificuldade do trabalho. É exatamente com o desenvolvimento destes elementos que o trabalho de grupo pode contribuir para o desenvolvimento das aprendizagens das crianças.

Este trabalho está organizado em cinco partes: na primeira se apresentaram as motivações pessoais para o estudo e a questão orientadora do estudo, no capítulo II fez-se uma abordagem teórica ao tema em estudo e seguidamente, no capítulo III, é apresentada a metodologia onde são indicados os métodos utilizados para a investigação e análise de dados. No capítulo IV apresento os procedimentos que foram desenvolvidos ao longo do projeto em estudo e por fim, no capítulo V, são apresentadas as conclusões e reflexão pessoal do estudo realizado. São também apresentados as referências bibliográficas e os apêndices, de forma a completar o todo o trabalho.

Capítulo II

Quadro Teórico de Referências

A organização social do trabalho na turma é um fator muito importante para a aprendizagem dos alunos. O uso das competências sociais é fundamental para o desenvolvimento do trabalho de grupo como saber comunicar, tomar decisões, confiar no outro, entreajudar e resolver conflitos.

Neste capítulo pretende-se que sejam abordados os aspetos teóricos que considero fundamentais no que diz respeito ao tema em estudo. Será apresentada uma breve referência à história da aprendizagem cooperativa, serão apresentados os trabalhos desenvolvidos nos grupos e as suas características, os benefícios da aprendizagem cooperativa e o papel do professor.

1. Aprendizagem cooperativa

O uso regular de metodologias não participativas tende a tornar os alunos mais competitivos e individualistas. Como referem Fontes e Freixo (2004), no trabalho de grupo tradicional não existe empenho por parte de todos os membros do grupo e, consequentemente, não é evidente a responsabilidade coletiva nem individual pelo trabalho a realizar. As competências cooperativas não aparecem espontaneamente e a liderança do grupo normalmente é feita por um aluno. Assim, o sucesso do grupo depende do trabalho de um ou alguns elementos, em conjunto ou em separado, e não do grupo no seu todo. No grupo de trabalho individual os elementos não avaliam o seu desempenho. O professor normalmente não acompanha o processo do trabalho individual, limitando-se apenas a avaliá-lo quando finalizado. Pelo contrário, no grupo de trabalho cooperativo deve existir empenho e responsabilidade individual por parte de todos os membros do grupo. O grupo trabalha em cooperação e dividem as responsabilidades contribuindo para o êxito da tarefa. Por parte do professor existe observação e é dado o feedback. O grupo cooperativo avalia o desempenho, tanto os aspetos positivos como os pontos a melhorar.

O trabalho cooperativo e participação ativa de todos os alunos contribuem para os valores da sociedade, associados à cooperação e à partilha o que, por sua vez, facilita a comunicação e troca de aprendizagens. Fatores como a individualidade e competição

potencializam a exclusão social, principalmente por parte dos alunos com maiores dificuldades de aprendizagem, tornando-os cada vez mais insatisfeitos com os seus desempenhos. Este fator contribui também para a desistência escolar devido às exigências e pressões a que são sujeitos, por parte da comunidade escolar e familiar. A aprendizagem cooperativa é um meio de organização do trabalho dos alunos, com fortes contributos positivos para a educação. Para Vygotsky (2009) o trabalho cooperativo contribui para o desenvolvimento social e psicológico das crianças através das interações que estabelece com os outros levando-as a ousar, criar e querer experimentar e fazer. O dever do adulto é apoiar este desenvolvimento, apoiando assim os alunos e as suas aprendizagens.

Esta metodologia de trabalho tem-se revelado bastante eficaz no que diz respeito às aprendizagens pois permite e estimula as interações, o convívio e as relações entre os alunos e com os outros adultos que fazem parte da sua comunidade. Atualmente “em que grande parte do tempo das crianças e jovens é passado diante de um ecrã, talvez a grande vantagem da escola esteja justamente nas interações e no convívio” (Barbosa, 1998, p. 7).

A frase atribuída à Aristóteles “O Homem é, por natureza, um ser eminentemente social” (Mão-de-Ferro & Fernandes, 1992, p. 9) traduz bem essa ideia. Esta frase define o homem como um ser que necessita de estar relacionado com pessoas e de obter experiências em grupos, ou seja, o Homem é um ser que necessita do outro. Desde o seu nascimento que o Homem participa em diversas experiências e em diferentes grupos, desde o seu grupo familiar, como os seus amigos e grupos em que participa no seu percurso escolar até ao seu grupo desportivo. Todas estas experiências o enriquecem e influenciam a sua personalidade pois durante toda a sua vida passa por diversas vivências.

Normalmente, no ensino individualizado o professor é a figura central do processo de aprendizagem, sempre como quem detém o conhecimento. O aluno, pelo contrário, é considerado um recetor para o qual o professor transfere o conhecimento.

Na metodologia do trabalho de grupo são os alunos que se devem se entreajudar, fazer a avaliação dos seus progressos e do grupo. César Coll (1984) defende condições para que os grupos cooperativos se desenvolvam intelectualmente quando participam em atividades de grupo. Uma destas condições são os diferentes pontos de vista de cada um “Os sujeitos que participam em mais interações conflituais são os que mais progridem”, segundo Mugny & Doise (1983). Estudos experimentais realçam que, quando a

distribuição de tarefas é realizada sem que os membros do grupo compreendam do que se trata cada uma delas, a cooperação é ineficaz. Para que exista uma melhor condição para a aprendizagem cooperativa deve ser dada aos participantes a oportunidade de expressão e confronto interindividual (Niza, A Organização Social do Trabalho de Aprendizagem do 1ºCiclo do Ensino Básico, 1998, p. 7).

Breve história da aprendizagem cooperativa

A aprendizagem cooperativa é uma metodologia existente há muitos anos. Vygotsky, nos anos 30, já defendia que “a única aprendizagem significativa é a que ocorre através da interação entre o sujeito, o objeto e os outros sujeitos” (Vygotsky, 1978). No entanto, podemos comprovar que a aprendizagem cooperativa é muito mais antiga. Pouco antes de 930 a.C, no livro Eclesiastes (Peterson, 2011, p. 909) podemos ler “é melhor ter uma companhia do que caminhar sozinho (...) sozinho, você está desprotegido. Mas com um amigo, pode enfrentar o pior.” Desta forma, e adaptando este pensamento à escola moderna, (Lopes & Silva, 2009, p. 9) defendem que “as crianças são colaboradoras naturais e a sua maior diversão é partilhá-la com os colegas.”

Foi sobretudo a partir dos finais dos anos sessenta que a aprendizagem cooperativa foi considerada de profunda relevância. Segundo Jonhson e Jonhson, 1994 citado em (Bessa & Fontaine, 2002, p. 124) “é sobretudo a partir de 1970 que se inicia a investigação acerca da sua aplicação nas salas de aula.” O interesse pela aprendizagem cooperativa não é apenas académico. Ou seja, um dos grandes objetivos do trabalho cooperativo visa também a promoção de valores para a cidadania, que acompanharão as crianças ao longo da vida. Vivendo numa sociedade participativa, esperamos dos nossos futuros cidadãos sejam capazes de saber viver em comunidade, possuindo competências de empatia e solidariedade uns com os outros. Estes são os benefícios que esta estratégia alternativa propicia aos alunos, ao contrário da aprendizagem individualista e competitiva que os torna menos solidários e menos empáticos. Os alunos parecem mostrar maior prazer em realizar o trabalho em situação cooperativa, do que em situação competitiva. Os alunos que têm oportunidade de realizar trabalhos em pequenos grupos são mais colaboradores e altruístas, quando têm a possibilidade de escolher trabalhar com os outros. Têm igualmente atitudes mais positivas em situação de conflito. As experiências de aprendizagens cooperativas, comparadas com aprendizagens individualizadas, proporcionam também uma autoestima superior. São prova disso, ainda, os estudos que manifestam correlações positivas da cooperação com a autoestima (Johnson & Johnson,

1978). (Niza, A Organização Social do Trabalho de Aprendizagem do 1ºCiclo do Ensino Básico, 1998).

Uma das vantagens da aprendizagem cooperativa é a anulação da competição e do individualismo. Numa situação completamente cooperativa vê-se, com a conclusão dos objetivos, a satisfação de todos os alunos e do adulto envolvido na tarefa. Um dos aspetos que tornam as aprendizagens de grupo bem-sucedida é o empenho dos participantes nas atividades com o objetivo de finalizá-la com sucesso, ou seja, “o adulto e grupos de crianças trabalham em conjunto, consistindo esse trabalho na resolução prática de tarefas” (Redescobrir Vygotsky, 2009). Enquanto que, numa situação competitiva o sucesso dos objetivos de alguns alunos podem frustrar a satisfação dos outros. “É de realçar que este tipo de aprendizagem é benefício para a maioria dos alunos. Um individuo só pode ser bem-sucedido na realização dos seus objetivos, se os outros também o forem e vice-versa” (Bessa & Fontaine, 2002).

A aprendizagem cooperativa veio trazer imensas vantagens enquanto forma de ensino-aprendizagem. As escolas devem ser o maior suporte dos alunos, deve ser um suporte entre todos os meios que interferem na vida das crianças (escola-família) e não uma comunidade à parte. Não é a criança apenas que se tem de adaptar a escola, é a escola que precisa de se adaptar às crianças e ao seu ritmo. Sérgio Niza defende que a escola deve ser um espaço que permita aos alunos transformarem-se, defendendo que a instituição deve apoiar todos os desenvolvimentos das crianças para que estas possam ir mais além, nas suas aprendizagens (Sérgio Niza - Escritos sobre Educação, p. 17). Esta estratégia faz com que a sala de aula seja um espaço democrático no que diz respeito às tomadas de decisões dos alunos. Para além disto, favorece as relações que os alunos constroem entre si, é favorável para a aprendizagem de aspetos da vida em sociedade, promove a auto-eficácia, o auto-conceito, a auto-estima e a motivação. Favorece também competências sociais, como a tolerância face aos alunos de etnias diferentes e a redução da conflitualidade entre todos (Bessa & Fontaine, 2002). A escola tem um papel de extrema importância na formação dos alunos enquanto cidadãos. Cabe à comunidade escolar, em parceria com a família, educar os alunos para que sejam cidadãos tolerantes e respeitadores. Desta forma farão parte da nossa sociedade pessoas com valores, que são capazes de aceitar e compreender o outro.

Durante as sociedades pré-modernas, estas eram formadas por grupos. Nestas sociedades os indivíduos criavam laços afetivos e culturais com os outros, que detinham os mesmos

princípios, sentimentos e experiências. De acordo com Friedmann (1968), esta era uma sociedade que desconhecia o avanço tecnologia dos dias de hoje, onde o saber simpatizar constituía uma competência muito importante, pois as relações eram valorizadas (Bessa & Fontaine, 2002). Estas sociedades promoviam a cooperação e o respeito. As crianças aprendiam de acordo com os mais velhos, através dos seus exemplos sociais, e transmitiam as suas aprendizagens aos mais novos. Existia uma valorização da vida em grupo e geravam-se sentimentos de tolerância. É fundamental que os indivíduos sejam educados, desde à nascença, a reterem valores como a compreensão e o respeito pelos outros, para que sejam capazes de viver em harmonia numa sociedade democrática.

Nos tempos de hoje, onde o vínculo e o compromisso perante a sociedade como um todo já não é tão importante e as tecnologias parecem ser o centro das atenções “o vínculo social é enfraquecido e as relações entre os indivíduos desenvolvem-se sob o signo da competitividade” (Bessa & Fontaine, 2002, p. 128). Por isso é importante recuperar o papel do grupo e os seus valores já referidos.

O caráter competitivo incutido na sociedade está presente também nas salas de aula. Atualmente encontramos-nos perante uma sociedade em que a palavra competitividade assume grande poder. Este fato acaba por influenciar a humanidade que, sem dar conta disso, adquire valores associados à não solidariedade, que, conseqüentemente, envolve as crianças num campo de aprendizagem pouco saudável. Cabe aos professores tentar inverter esta situação para que a sala de aula seja um espaço de formação de crianças solidárias, empáticas e com gosto por aprender.

O professor, como gestor do currículo, tem o papel central na sala de aula. Consequência disto é também a forma estrutural do espaço físico e social. Os alunos estão divididos, na sala de aula, por mesas de um ou dois lugares. O professor encontra-se à frente dos alunos, no topo da sala, junto ao quadro de parede. Esta é uma forma de inibição para os alunos durante as relações que deviam ser estabelecidas. (Bessa & Fontaine, 2002, p. 129). Esta forma de organizar e estar na sala de aula pode causar afastamento. Este modelo de aprendizagem, que encontramos presente nas salas de aula, não contribui totalmente para que os alunos possam partilhar entre eles os seus conhecimentos. Este aspeto cria condições para que o trabalho seja individualizado e para que exista um distanciamento entre os alunos. A disposição da sala não privilegia as interações e formas de trabalho cooperado. O aluno retém a ideia de que o professor é a figura central, aquele que possui todos os saberes e a quem as crianças devem seguir e respeitar.

De forma a realçar a competitividade, o aluno exhibe os conhecimentos que são expostos pelo professor e é avaliado individualmente através de provas a que são atribuídas um número como quantificador, e vista como qualificador, do trabalho desenvolvido pelos alunos. A escola torna-se assim um espaço de competição perante a sociedade e o mundo do trabalho, em que o que importa é o resultado e não o processo.

O ensino não deve ser assumido por algo ou alguém que seja radical, seletivo ou autoritário. A exploração de conhecimento, deve ser trabalhada de forma flexível, visando sempre o sucesso do aluno através de todo o seu desenvolvimento. A medição ou classificação do seu sucesso não pode residir apenas num teste, convertido num número. Este deve ser avaliado de forma ampla e diversificada pelo professor. O professor deve ter em conta a individualidade de cada criança, que é determinante para a avaliação das suas aprendizagens, pois cada ser é um ser diferente e como tal, esta sensibilidade deve ser manifestada no modo como o professor valoriza todo o processo de ação e não só o resultado.

Por isso, o ensino deve ser flexível e respeitar o indivíduo. Em resumo, “a criança é o sujeito e não o objecto da aprendizagem” (Redescobrir Vygotsky, 2009). O melhor meio de avaliação da criança é através da forma como ela explora as suas capacidades e conhece o mundo, participando nas suas aprendizagens de forma ativa. Desta forma, estamos perante a defesa de que não devem ser ensinados a todos do mesmo modo. É necessário ter em conta a heterogeneidade dos alunos e agir em conformidade, ou seja, diferenciar o ensino tirando partido dessa mesma heterogeneidade. Segundo Sérgio Niza “há que estar em «guerra aberta à ilusão dos grupos homogéneos»” (Sérgio Niza - Escritos sobre Educação, p. 24).

Perante os obstáculos referidos anteriormente, espera-se que a aprendizagem cooperativa possa contribuir para uma escola inclusiva e de comportamentos de solidariedade entre todos.

A aprendizagem cooperativa proporciona maior grau de relação entre os alunos, independentemente das suas etnias, culturas, línguas ou estatuto (Bessa & Fontaine, 2002, p. 138). É necessário que os alunos se relacionem enquanto indivíduos iguais e não pertencentes a diferentes categorias sociais. Segundo Forest citado em (Bessa & Fontaine, 2002, p. 141) “a escola, enquanto comunidade cooperativa, seria sobretudo, um espaço de inclusão em que ninguém é excluído devido a questões de raça, religião, características

de personalidade, diferenças de opinião ou pela manifestação de interesses ou atitudes pouco convencionais.”

O trabalho em grupo e as suas características

O “Petit Robert” define o grupo com um “conjunto de pessoas que têm qualquer coisa em comum” (Vanoye, 1979, p. 11). No entanto, não basta que existam um conjunto de pessoas para que seja considerado a existência de um grupo. As mesmas pessoas devem estabelecer relações, comunicar e ter um objetivo em comum. Contudo, é ainda necessário que exista um objetivo com caráter de permanência, que estejam em interdependência, que obedeçam regras e que, para atingir um determinado objetivo, desempenhem diferentes papéis. Para que exista um grupo é necessário a cooperação de todos. Um grupo (Mão-de-Ferro & Fernandes, 1992, p. 13) “é um conjunto de indivíduos com um objectivo comum e em interdependência, que cooperam para atingir o fim que os reuniu.”

Elementos essenciais da aprendizagem cooperativa

Quando é proposto o trabalho de grupo entre os alunos é frequente que exista uma organização dos elementos, no entanto não significa que exista um trabalho em conjunto. Cooperar significa trabalho realizado por todos os elementos do grupo, é a ajuda existente que contribui para que, no final, a tarefa seja realizada com sucesso.

Segundo Sérgio Niza, o trabalho de grupo como método de aprendizagem, tanto em pares como em pequeno grupo, revelou-se num dos melhores processos educativos para que os alunos adquiram competências. A cooperação contraria o trabalho individual e a competição dentro dos trabalhos organizados na escola. Ao contrário do trabalho competitivo, que representa o trabalho do aluno em prol de si mesmo, o trabalho cooperativo pressupõe que cada um dos membros do grupo de trabalho só atinge os seus objetivos se os restantes membros dos grupos o fizerem também. (Niza, A Organização Social do Trabalho de Aprendizagem do 1ºCiclo do Ensino Básico, 1998, p. 4)

Assim, é importante que os alunos desenvolvam trabalhos em cooperação, bem como acompanhá-los nas dificuldades, mediar as situações complicadas que podem surgir de forma coletiva na turma e nas avaliações que devem ser feitas dentro do grupo. Estas intervenções devem ser feitas através da comunicação entre professor/alunos. “É necessário criar ambientes onde os alunos possam falar, possam dizer e escrever o que sabem e como pensam sobre os conhecimentos a trabalhar, pô-los a circular,

principalmente na sua comunidade, para perceberem, desde logo, como o fazer” (Sérgio Niza - Escritos sobre Educação, p. 25).

Para que se crie um ambiente de cooperação e para que a aprendizagem seja, de facto, cooperativa é necessário que estejam presentes, num plano de aula, por exemplo, cinco elementos básicos da aprendizagem cooperativa. Um deles é a *interdependência positiva*. Este elemento explica como um aluno de um grupo depende do trabalho dos outros alunos deste mesmo grupo. É uma dependência mútua que existe para que todos os alunos se incluam na divisão de tarefas e realização dos diferentes papéis estabelecidos no grupo, de maneira a permitir a participação de todos, em função de uma mesma causa, neste caso o trabalho desenvolvido. Deste modo, compreendem o verdadeiro significado de cooperação através da ação, adquirindo o sentido de partilha e compromisso para que consigam aprender todos sobre um determinado assunto e para que possam concluir um único produto. Ou seja, esta interdependência cria um compromisso entre os alunos com o sucesso coletivo. Segundo (Johnson & Johnson, 1999) “a interdependência positiva cria um compromisso com o sucesso de outras pessoas, para além do seu próprio sucesso, o qual é a base da Aprendizagem Cooperativa.”

Para além da interdependência positiva, a aprendizagem cooperativa dá ênfase à aprendizagem das *habilidades sociais*, como saber escutar o outro, saber falar no momento adequado, compartilhar ideias e fazer críticas sobre as mesmas e não sobre as pessoas, pois estas particularidades sociais são necessárias para superar os conflitos que poderão surgir dentro do grupo de trabalho ao realizar as tarefas. Algumas atividades cognitivas e interpessoais só podem realizar-se quando cada aluno promove a aprendizagem dos seus companheiros, explicando verbalmente como resolver os problemas ao analisar conceitos que estão a ser aprendidos, ou ainda ensinar o que sabem aos seus companheiros (Johnson & Johnson, 1999).

Para além disto, é preciso que os alunos intensifiquem de modo estimulante as *interações* entre si, para que exista um acompanhamento do outro na elaboração das tarefas. Tendo em vista que o objetivo de sucesso é uma meta coletiva entre todos.

Para que tudo isto funcione, é necessário que o aluno desenvolva a sua responsabilidade *individual*. Assumir de facto um compromisso com os outros em relação a um trabalho é fundamental no trabalho de grupo. É a compreensão de que se um membro do grupo não fizer sua parte do projeto, no final o grupo não conseguirá atingir o objetivo proposto. A

responsabilidade individual exige aos alunos um sentido de responsabilidade que vai para além de si próprio. Implica ter a capacidade de compreender que o seu papel no grupo é crucial para a conquista de um determinado objetivo. Perceber que o objetivo do trabalho consiste na participação ativa de cada um é extramente importante pois é inerente ao trabalho de grupo. Quando o conseguirem interiorizar é sinal de que o sentido de interajuda foi adquirido.

Por fim, refere-se à *avaliação do grupo* quando os estudantes analisam em que medida os objetivos da tarefa foram alcançados, tendo em vista regras que anteriormente ficaram definidas. Os alunos devem, nesta fase final, avaliar os aspetos positivos e negativos que devem manter ou modificar (Johnson & Johnson, 1999).

O grupo e a sua dinâmica

É através das interações entre os diferentes membros de um grupo que são estabelecidas relações. Caraterizadas como relações interdependentes, estas relações podem conduzir à existência de sentimentos de empatia, antipatia e até de indiferença. Segundo Mão-de-Ferro e Fernandes (Mão-de-Ferro & Fernandes, 1992, p. 14) são criadas diversas forças durante o contato entre os elementos de um grupo. Estas forças podem ser caraterizadas enquanto forças contraditórias, em que cada indivíduo defende unicamente as suas ideias sem considerar a opinião dos restantes parceiros; as forças de progressão, responsáveis por impulsionarem o grupo rumo à meta a atingir; as forças de manutenção, responsáveis pela coesão e união do grupo; as forças atrativas, que têm por base a simpatia entre cada elemento do grupo e anulam fortemente o eventual conflito que são aspetos fundamentais na dinâmica dos grupos . Por último, mas não menos pertinente, de forma contrária às forças atrativas, as forças repulsivas ou de rejeição, responsáveis pela geração do conflito irresolúvel podem conduzir à desagregação do grupo.

Comportamentos do grupo

Os grupos não são entidades estáticas. Muito pelo contrário, têm uma vida própria que geram mudanças no próprio grupo. Existem autores como Bion, Shutz e Tuckman (1992) que afirmam existirem diversas mudanças nos grupos ao longo do tempo e debruçam-se sobre esses fenómenos como as etapas de desenvolvimento dos grupos. São destacadas duas etapas – desenvolvimento orientado para a tarefa e desenvolvimento orientado para as relações.

No quadro que se segue estão alguns exemplos de comportamentos que os elementos dos grupos podem exercer, perante a tarefa ou relações entre eles.

Tabela 1 - Comportamentos dos grupos segundo António Mão-de-Ferro e Viriato Fernandes, 1992

Orientação da atividade	Comportamentos
PARA A TAREFA	• Pedir informação ou opinião • Dar informação ou opinião • Elaborar, analisar • Reformular, sintetizar
PARA A RELAÇÃO	• Concordar • Promover a harmonia • Encorajar, apoiar

O desenvolvimento orientado para a tarefa foca nos comportamentos que os grupos desenvolvem para a concretização dos objetivos do trabalho. Já o desenvolvimento orientado para o trabalho põe a tónica nos comportamentos de relacionamento com os outros. O grupo, para produzir, tem que estar centrado na tarefa, mas para isso tem que explicitar e exprimir os seus sentimentos em relação às atitudes dos outros elementos. Assim, pode haver momentos em que o grupo pode estar mais orientado ou para a tarefa ou para a relação.

As etapas de desenvolvimento dos grupos baseiam-se na nomenclatura de Bruce W. Tuckman (1997). As etapas de desenvolvimento orientadas para a relação são a comprovação e dependência, o conflito intragrupal, o desenvolvimento da coesão do grupo e a relação funcional com o papel. A fase de comprovação e dependência é a fase de conhecimento, em que os elementos dos grupos se baseiam nas reações do professor e do grupo e dependem das atitudes uns dos outros. O conflito intragrupal é a fase de adaptação dos elementos dos grupos. Nesta fase podem esperar-se interações diferentes e discussões frequentes. Quando os membros dos grupos começam a aceitar as interações e existe concordância entre eles, os conflitos são ultrapassados e se encontram na fase de desenvolvimento da coesão do grupo. Finalmente na fase de relação funcional com o papel, o grupo está pronto para resolver o problema. Os membros desempenham diferentes papéis para atingir o objetivo comum do grupo.

As fases de desenvolvimento orientadas para a tarefa são o colocar o foco na tarefa, a resposta emocional às exigências da tarefa, o intercâmbio aberto das interpretações relevantes e o aparecimento das soluções. Estamos, neste caso, perante a fase de orientação da tarefa quando isto acontece, ou seja, o grupo identifica os pontos mais importantes da tarefa e percebem como podem agir de forma concertada para que esta seja realizada com sucesso. A segunda etapa, resposta emocional às exigências da tarefa, ocorre quando os elementos respondem emocionalmente à tarefa, resistem às exigências tendo em conta as suas orientações pessoais. A fase de intercâmbio aberto das interpretações relevantes é a troca de opiniões e diferentes interpretações entre os membros do grupo. Na fase do aparecimento das soluções, existe tentativas construtivas do grupo para que este possa concluir a tarefa.

Benefícios e desvantagens da aprendizagem cooperativa

Devido às limitações enfrentadas no método tradicional, diversas pesquisas foram e são realizadas com o intuito de desenvolver métodos de ensino que auxiliem as aprendizagens de forma eficiente, lúdica e interessante. “A comunicação entre os alunos, a troca de informação “horizontal” e o intercâmbio de conhecimento e reflexão entre grupos não são obstáculos à aprendizagem. São o terreno de eleição” (Barbosa, 1998, p. 7).

Trabalhar em grupo exige também uma grande capacidade emocional pois nem todas as etapas da tarefa são, necessariamente, positivas. Os conflitos são uma constante, sobretudo quando existem grupos que apresentam pouca capacidade de cooperação. Geralmente, o que ocorre quando não existe consenso, é a existência de uma divisão do grupo, em que uma parte realiza a tarefa pretendida, enquanto os demais conversam e tratam de outros assuntos que não são pertinentes ao trabalho em grupo, ou ambas as partes tratam individualmente do trabalho como se não fosse apenas um. O que diferencia os grupos que ainda não têm capacidade de trabalhar em conjunto dos grupos que trabalham em cooperação, é a existência interdependência positiva entre os indivíduos que desenvolvem o trabalho cooperativo. O trabalho em grupos cooperativos estimula a formação de alunos mais autónomos, com maior afetividade pelos outros, com maior autoestima, e protagonistas da construção do seu próprio conhecimento. De acordo com Bessa e Fontaine (2002), a utilização correta do método da aprendizagem cooperativa apoia as dificuldades dos alunos, conduzindo-os à melhores resultados, independentemente da classe social, do local onde a escola se insere e da personalidade dos alunos.

Comparando os grupos com hábitos de cooperação e os com hábitos de competição individual, relativamente à aceitação de diferenças, nos estudos de Johnson & Johnson (1978) é possível verificar-se um relacionamento melhor com alunos que trabalham em cooperação, contrariamente aos alunos competitivos. Alunos com hábitos cooperativos têm maior capacidade de aceitar as diferenças, sejam estas de etnias, deficiências ou género (Niza, A Organização Social do Trabalho de Aprendizagem do 1ºCiclo do Ensino Básico, 1998, p. 6).

O papel do professor

O papel do professor durante a implementação do trabalho de grupo é crucial e determinante para o seu sucesso. Uma das funções mais importantes que o docente deve ter é a observação. Uma observação cuidadosa permite ao professor conhecer o grupo de trabalho, adaptar as técnicas que vai utilizar e saber como lidar com os comportamentos do grupo de forma mais clara. “A observação do grupo é certamente um dos aspetos que, ao nível da prática, maior importância tem para o formador” (Mão-de-Ferro & Fernandes, 1992, p. 24). Na aprendizagem cooperativa o professor deixa de ter o papel central e os alunos assumem essa posição. Na perspetiva de Vygotsky (1934) deve existir cooperação entre o aluno e o professor pois este é responsável por despertar na criança interesse e vontade de aprender e capacidade de agir.

É importante que exista reflexão por parte do professor, para que possa compreender de que modo o seu papel de mediador influencia ou não o comportamento dos alunos face ao seu empenho no grupo, com base em observações, em leituras e em partilhas de experiências com colegas.

É importante que o professor compreenda que são formados grupos diferentes por pessoas diferentes. Cabe, deste modo, ao docente atender a cada aluno, mesmo dentro de um grupo, de acordo com as suas necessidades e interesses “porque achamos que nada é mais desigual do que tratar de igual modo pessoas desiguais” (Mão-de-Ferro & Fernandes, 1992, p. 28) para que este não prejudique nem seja prejudicado de acordo com as progressões do grupo.

O professor deve ter, para além de incentivar os alunos, a capacidade de organizar atividades e de envolver com as crianças nessas atividades de forma a reforçarem a sua autoestima. Se as crianças são capazes resolver problemas em grupo e trabalharem de forma cooperada, mais tarde conseguirão resolver tarefas e problemas iguais sozinhos

pois para além de serem capazes de se relacionar com o outro serão capazes de serem autónomos nas suas aprendizagens.

O professor deve ser capaz de estabelecer a cooperação entre os membros do grupo de modo a que estes, juntos, atinjam os seus objetivos. É natural que os alunos tenham tempos diferentes e formas diferentes de aprender, mesmo dentro do grupo. Cabe ao professor ser capaz de lidar com os problemas de relacionamentos e aprendizagem dos alunos. “O formador deverá ser capaz de observar cada formando, despertá-lo e estimular as suas capacidades de modo a conseguir que aprenda melhor e em menos tempo.” (Mão-de-Ferro & Fernandes, 1992, p. 32).

Capítulo III

Metodologia de investigação

Neste capítulo é exposta a abordagem utilizada para o desenvolvimento deste projeto - a investigação qualitativa. Através da análise sobre estes tipos de investigação foi possível compreender o papel do investigador no estudo. Posteriormente, são apresentados os instrumentos e as técnicas de recolha e análise de dados que foram utilizados para realização do projeto. Deste modo são descritos os Procedimentos de Recolha e Tratamento de Informação.

Investigação qualitativa

Ambas as investigações, quantitativa e qualitativa, respondem a questões diferentes colocadas na investigação, no entanto ambas têm um papel fundamental para elaborar uma pesquisa. A investigação qualitativa é utilizada sobretudo para investigar em educação e em outras ciências humanas e sociais.

Uma das características da investigação qualitativa é que esta ocorre no contexto em que é realizada a investigação “Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 48).

A investigação qualitativa caracteriza-se também como investigação naturalista, ou seja, é uma investigação com base na observação natural. O investigador não controla aquilo que observa, mas o seu objetivo é perceber aquilo que se observa na própria investigação. “Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o «instrumento principal» da própria investigação. (Bogdan & Biklen, 1994, p. 51).

A investigação qualitativa é descritiva. Esta é uma investigação feita através de diversos métodos (entrevista, observação e questionário) que permitem obter dados. Na investigação qualitativa o investigador se propõe a participar, a aprender e a interpretar as informações que são selecionadas e obtidas. Os registos realizados devem ser precisos, de forma a respeitar os acontecimentos ocorrem ou são vistos por outros.

Na investigação qualitativa o processo é mais valorizado do que o resultado.

A investigação-ação

Este tipo de investigação é uma das metodologias que se enquadram na investigação qualitativa. Visa compreender e dar respostas a questões que normalmente se colocam numa prática social quotidiana. Esta investigação preocupa-se principalmente com a mudança dessas práticas, compreendendo os problemas que se colocam e perscrutar novas soluções, mas profícuas.

Investigar em educação é um processo em que o investigador estuda sobre as suas próprias práticas com a intenção de melhorá-las. Desta forma, o investigador deve ser capaz de formular perguntas que pretende investigar e planear os procedimentos, de forma a obter respostas e chegar aos resultados pretendidos. Para isso deve definir um método e formular objetivos que se entrelacem com o que pretende saber pois “a investigação-ação parte do pressuposto de que o profissional é competente e capacitado para formular questões relevantes no âmbito da sua prática, para identificar objectivos a prosseguir e escolher as estratégias e metodologias apropriadas” (Máximo-Esteves, 2008, p. 9).

Na investigação-ação o investigador deve ser capaz de identificar um problema no contexto onde irá atuar, observar e recolher as informações e elaborar práticas que visem melhorar o problema inicial. Podemos caracterizar e identificar a investigação como construtora de novos caminhos, que nos dá respostas e nos leva a aprofundar os nossos conhecimentos. A investigação-ação é descrita por Kemmis, 2007, como “uma espiral autorreflexiva de ciclos de planificação, ação, observação e reflexão” (Cardoso, 2014, p. 31).

As etapas da Investigação

É necessário um plano que integre várias etapas, de modo a permitir perceber se a solução encontrada é suscetível de resolver o problema que questão para poder tirar conclusões, ainda que provisórias. Assim, é necessário planear os objetivos mais adequados às investigações que serão feitas de modo a que a partir desses pressupostos se consiga obter as respostas pretendidas. De seguida, é necessário preparar as atividades e estratégias para recolher as informações mais importantes, analisá-las e partilhar as conclusões.



Técnica de instrumentos de recolha e tratamento de dados

Para a consecução do trabalho, o investigador tem de recolher dados recorrendo a várias técnicas. Deste modo, as técnicas que utilizei neste estudo foram a observação participante, entrevista, questionário e análise documental.

Observação-participante

A observação deve ser planeada e deve procurar dar respostas aos objetivos que estão a ser estudados. Na observação os fatos são percebidos diretamente. No entanto, a presença do observador pode provocar alterações no comportamento dos indivíduos observados.

A observação adotada para a realização desta investigação é a observação participante. O dever do professor, neste caso, é apoiar os seus alunos durante as suas aprendizagens para que os mesmos possam crescer aprendendo com os outros e ultrapassando as suas dificuldades, fazendo parte do grupo. No entanto o professor deve saber fazê-lo de modo a não se tornar exaustivo na sua participação sendo que “é necessário calcular a quantidade correta de participação e o modo como deve participar, tendo em mente o estudo que se propôs elaborar” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 125). A observação participante foi muito importante para o desenvolvimento do meu projeto pois possibilitou a recolha de informações sobre as relações que as crianças mantinham entre si, o modo como se comunicavam e interagiam perante o trabalho de grupo, e a forma com que resolviam os conflitos e elaboravam o trabalho pretendido, sendo que esta, segundo Lúcia Máximo Esteves, “permite o conhecimento directo dos fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto.” (Máximo-Esteves, 2008, p. 87). Este tipo de observação permitiu, também, intervir quando era necessário e posteriormente fazer uma reflexão sobre a minha prática de modo a melhorar o que era executado na sala de aula.

De forma a apoiar a observação feita na sala de aula, utilizei as notas de campo que me permitiram efetuar registos. As notas de campo permitiram-me, explicar de forma mais detalhada o que era observado, desde o modo como os alunos se apresentavam na sala de aula, como as constituições dos grupos de trabalho, as suas ações e o modo como se comunicavam. Estas notas auxiliaram na interpretação dos acontecimentos que aconteceram à minha volta. Já os registos de áudios auxiliaram nos registos de conversas, de forma a conseguir acompanhar todos os movimentos das crianças sobre o que estava

a acontecer para que pudesse acompanhar tudo o que era dito. Para além disto, recorri à recolha de imagens.

Notas de campo

Devido à prática de observação é necessário registar as dinâmicas que são observadas. As notas de campo são de elevada importância para o desenvolvimento da investigação, pois são registos pertinentes do que foi observado que permitem uma descrição do contexto e das situações que foram presenciadas.

Durante a etapa de observação foi essencial recorrer às notas de campo para que ficassem registadas todas as evidências mais importantes. Estes registos foram feitos através de escrita, do discurso e falas das crianças, vídeos e imagens.

A descrição das notas de campo permite ao investigador fazer reflexões dos sucedimentos do dia a dia e registos da sua opinião pessoal.

Ao longo da investigação, foi possível de registar episódios relevantes para o estudo do tema num bloco de notas. No entanto, tornava-se difícil realizar os registos escritos quando se sucediam. Quando os episódios exigiam uma participação mais ativa da parte dos membros da equipa existiam dificuldades em estabelecer a ligação com os alunos e com as suas necessidades e registar. Desta forma, a maioria dos registos eram feitos posteriormente aos acontecimentos, com o máximo de informação possível. Como referem Bodgan e Biklen (1994) “a memória pode ser disciplinada. Mas, mais importante e mais imediatamente útil no aproveitamento da sua capacidade presente, são algumas pistas a empregar quando se escrevem notas de campo”.

Questionário

O questionário aberto foi outra das técnicas utilizadas. Estes foram realizados com um uma questão inicial “O que é para ti o trabalho de grupo?” que revelaria o que as crianças entendiam por trabalho de grupo, e uma questão final “O que representou para ti os trabalhos de grupo e quais foram as tuas aprendizagens?” que tinha como objetivo a avaliação das crianças face ao trabalho que tinham desenvolvido. No meu estudo foram aplicados questionários informais de forma oral no fim de cada atividade, a cada uma das crianças, de modo a compreender as suas experiências em cada atividade realizada em grupo. O uso do questionário na investigação qualitativa permite-nos entender a opinião pessoal de cada um dos participantes. Segundo (Amado, 2017, p. 271) “a partir da análise

das respostas torna-se possível detetar as percepções, experiência subjetiva e representações dos respondentes acerca do tema em apreço.”

Análise documental

Outro dos instrumentos utilizados para a recolha de dados foi a análise documental. A análise documental é a recolha e análise da informação que o investigador considera necessária para a fundamentação do seu trabalho. Segundo (Carmo & Ferreira, 2008) “é uma técnica que se propõe a seleccionar, tratar e interpretar a informação presente em diferentes suportes.”

O investigador deve ser capaz de recolher e analisar informações de modo a oferecer contributos sobre o seu tema de trabalho. O investigador recolhe informações sobre o seu tema com base em estudos anteriores.

A análise documental permite ao investigador analisar outros documentos, aprofundar os seus estudos e conhecimentos e, com base nestas informações, elaborar um novo estudo.

A análise documental pode ser recolhida através de artigos, livros, imagens, áudios e vídeos.

Entrevista

A entrevista é uma técnica que faz com que o investigador formule perguntas de forma adequada e que facilita perceber o modo como as pessoas pensam, o que pretendem e esperam, pois, “um dos processos mais directos para encontrar informação sobre um determinado fenómeno, consiste em formular questões às pessoas que, de algum modo, nele estão envolvidas. As respostas de cada uma das pessoas vão reflectir as suas percepções e interesses” (Tuckman, p. 517). Optei por realizar, com a professora cooperante, o método da entrevista sendo que, segundo Morgan 1988, citado em (Biklen, 1994, p. 134) “uma entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas”. Recorri a este instrumento no início do estudo de modo a perceber a familiaridade dos alunos relativamente à metodologia do trabalho de grupo. Deste modo consegui compreender, através dos relatos feitos pela professora cooperante da turma, que os alunos não elaboravam trabalhos em grupos e, por vezes, não sabiam trabalhar de forma cooperada pois não sabiam resolver conflitos, partilhar ideias ou respeitar o outro.

Em investigação, a entrevista pode ser utilizada como complemento da observação e análise de dados sendo que a “entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo” (Biklen, 1994, p. 134). Desta forma, foi decidido realizar uma entrevista não estruturada, ou seja, quando foi realizada a entrevista optei por realizá-la de maneira informal à volta do tema “por vezes a entrevista não tem introdução; o investigador transforma simplesmente aquela situação numa entrevista” (Biklen, 1994, p. 134). Esta entrevista foi possível pois existia uma boa relação com o entrevistado de forma a que se sentisse liberdade para perguntar todas as questões que considerava necessário para compreender o envolvimento dos alunos acerca do trabalho de grupo.

Guião da Entrevista

Apresento, de seguida, o guião da entrevista realizado à professora cooperante da turma do 3º. Ano. A entrevista foi gravada e transcrita para um documento.

1. Fale-me um pouco sobre o que considera ser o trabalho de grupo.
2. Considera que o trabalho de grupo está presente no quotidiano da sua sala de aula?
3. De que modo o trabalho de grupo contribui para as aprendizagens dos alunos?
4. Quais são as estratégias utilizadas na sala de aula de forma a conseguir que cada aluno contribua com as suas aprendizagens e domínios para as aprendizagens dos restantes alunos da turma?

Contexto do Estudo

Este projeto foi realizado numa escola Básica do 1º Ciclo, inserida no Agrupamento Vertical de Escolas de Setúbal. Este Agrupamento integra estabelecimentos de educação pré-escolar, ensino básico, ensino secundário e salas de multideficiência. A escola está situada num bairro onde a maioria dos alunos residem, permitindo que as crianças se desloquem a pé. A maioria realiza o percurso entre a casa e a escola sem a presença dos pais ou de um adulto. Muitas destas crianças são quem acompanham os irmãos mais novos que se encontram a ter aulas na mesma escola. Próximo ao estabelecimento está situada uma paragem de autocarro que facilita também acesso.

A maioria dos alunos que frequentam a escola são provenientes de meios socioeconómicos muito desfavorecidos, em que existem os casos de emprego precário ou

mesmo desemprego. Muitas destas famílias são beneficiárias do rendimento social de inserção.

Existe um elevado número de famílias de etnia cigana, principalmente no Bairro onde estão inseridos, o que acaba por dificultar a relação e inserção destas crianças na escola pois muitas destas famílias se apresentam reticentes a tal. Para muitos destes alunos e familiares, a escola funciona mais como uma extensão da rua do que um local de aprendizagem.

O estudo realizou-se numa turma do 3.º ano de escolaridade, constituída por 19 alunos, 7 rapazes e 10 raparigas, com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos. É importante referir que dois dos alunos abandonaram a escola no início do ano letivo.

Nesta turma existem alunos repetentes que apresentam grandes dificuldades de aprendizagens. Existem ainda alunos que são acompanhados regularmente pelas professoras de apoio, devido às suas dificuldades.

No que concerne ao comportamento da turma, é importante salientar que a turma é constituída por alunos que mostram pouco interesse pelas tarefas escolares e que também não se envolvem nelas. A maioria mostra dificuldades em manter a atenção e concentração devido à agitação que permanece durante as aulas. Alguns dos alunos estão quase sempre fora dos seus lugares, aos gritos ou a cantarem músicas em voz alta durante a aula. Existem regularmente situações de conflito entre colegas e que acabam por necessitar do apoio do adulto para serem resolvidos da melhor maneira. É importante referir que esta turma não está habituada a trabalhar em grupos ou pares e apresentam algumas divergências uns com os outros.

Quanto às aprendizagens, esta é uma turma que apresenta dificuldades na área de português, dado que a maioria tem problemas com a leitura e escrita. Um dos alunos ainda não sabe ler e a grande maioria apresenta grandes dificuldades relativamente à leitura, pois ainda soletram e acabam por não perceber o que leem. Na área da matemática, e devido aos problemas com o português, têm enormes dificuldades, nomeadamente, em interpretar enunciados e compreender problemas em contexto matemáticos e não matemáticos. Ainda assim, a matemática é uma das áreas que desperta maior interesses aos alunos pois em relação aos números e resolução de operações mostram-se dispostos a aprender. Uma das justificativas para que estas dificuldades se mantinham era a falta de estudo em casa. Os trabalhos que eram mandados para que fossem realizados em casa,

raramente eram concretizados. Em especial as tarefas que eram levadas para serem realizadas durante o fim de semana. A justificação consistia na falta de tempo dos educandos, já que no fim de semana a maioria partiam para as feiras, negócios de famílias, com os seus responsáveis de educação com o objetivo de os ajudarem. Como consequência, era notório que os alunos demonstravam uma certa fragilidade na disciplina de Português e maior facilidade na compreensão dos conteúdos na disciplina de Matemática. Isto deve-se também aos trabalhos dos alunos nas feiras e tal como descrito por eles, ajudavam na realização das operações que eram necessárias para dar o troco durante as vendas. Os dias assim eram passados e não havia tempo para incidir sobre as restantes tarefas que deviam ser realizadas.

É nas áreas de Estudo do Meio e Expressões Artísticas que a turma apresenta melhores resultados.

Ao longo do estágio, onde foi desenvolvido este projeto de trabalho, tanto eu como a minha colega assumimos as principais funções de uma professora de 1ºciclo, ou seja, tínhamos o dever de planificar e dinamizar as aulas e avaliar as aprendizagens realizadas.

Mesmo com algumas complicações, foi possível implementar o trabalho de grupo na sala de aulas e ultrapassar certas dificuldades, como a necessidade de chamar a atenção frequentemente e resolver conflitos quando existiam.

Descrição dos Procedimentos de Intervenção

Para iniciar o projeto em sala de aula foi proposto aos alunos que realizassem um questionário por inquérito, para que fosse possível perceber os seus hábitos em relação aos trabalhos realizados em grupo e para perceber a opinião dos alunos quanto a esta metodologia de trabalho.

Devido à entrevista realizada anteriormente com a professora titular, já possuía um breve conhecimento de que os alunos não tinham experiência com a metodologia do trabalho de grupo e os inquéritos foram cruciais para confirmar esta afirmação por parte dos alunos, que na sua maioria alegaram não terem trabalhado em grupo, mas que gostariam muito.

Após a realização do questionário e da entrevista, que me permitiram compreender o conhecimento e experiências dos alunos e da professora da turma, foram propostas aos alunos tarefas para desenvolver com a metodologia do trabalho de grupo. As tarefas

abrangeram as áreas da matemática, do português e do estudo do meio, por sugestão dos alunos, para que todos pudessem trabalhar a área que mais gostavam em grupo. O tempo que podíamos despendar para as atividades era muito reduzido, sendo assim trabalhávamos em grupo apenas uma vez por semana, tendo em conta que eram apenas três os dias de estágio. A primeira e a segunda tarefa “Fábrica das histórias” e “Caça aos erros” foram realizadas em grupos de dois elementos. As seguintes tarefas “Difusão do gelo” e “Problema com os números” foram realizadas em grupos de 3 elementos.

Tarefas diferentes e com diferentes números dos elementos do grupo poderiam possibilitar a compreensão de diferentes formas de trabalhar em grupo.

Em cada uma das tarefas foram escolhidos três grupos para observar detalhadamente.

Após o desenvolvimento de cada tarefa os grupos partilhavam com a turma os pontos fortes e fracos de cada tarefa realizada. Para finalizar, cada um dos alunos respondiam a um inquérito por questionário de autoavaliação.

Capítulo IV

Neste Capítulo são descritas e analisadas as atividades desenvolvidas durante a investigação. Inicialmente são apresentados o trabalho e reflexão desenvolvida pelos grupos de 2 elementos e posteriormente é feita a descrição e análise do trabalho desenvolvido por grupos de 3 elementos.

Apresentação e Análise dos Dados

Análise das tarefas - Grupos de 2 elementos

Este trabalho, com 2 elementos, iniciou-se com uma atividade designada como “A fábrica das histórias”.

1ª. Atividade – A fábrica das histórias

A primeira atividade é a “Fábrica das histórias”. Desenvolvida anteriormente e durante as reuniões de estágio, a atividade foi considerada ideal devido a ordem de trabalhos a serem concretizados durante a semana. Deste modo, pretendia-se trabalhar o texto narrativo, com base na leitura e na escrita, enquanto se trabalhavam também valores com as crianças a partir dos objetivos que se pretendiam com a elaboração desta atividade. A condução da atividade captou a atenção das crianças, que se mostravam bastante concentradas e interessadas na evolução da narração.

Com materiais de expressão plástica, como o musgami, o tecido e o velcro, foi construída a “Fábrica das Histórias” (ver imagem em anexo). A fábrica é constituída por cartões que são divididos por várias categorias: local de início da história; personagens boas; personagens más e objetos da sorte. As crianças deveriam retirar da fábrica um cartão, de cada uma das categorias, e seria através deles que a história deveria ser desenvolvida. Contudo, os alunos tiveram liberdade para adicionar personagens, mudar o espaço e tempo e acrescentar mais objetos com a condição de que os que saíram da fábrica não fossem excluídos.

Na primeira etapa da atividade, apresentou-se o texto narrativo e as suas características em formato power point. Este era constituído essencialmente por imagens, pouco texto e teve uma duração aproximada de 15 minutos. Depois da visualização dos slides estabeleceu-se o diálogo aberto entre professores e alunos, de modo a que as crianças pudessem interagir diretamente no processo de aprendizagem, demonstrando os seus conhecimentos e opiniões pessoais face ao tema abordado.

A palavra fábrica é simples e dá-nos a ideia sequencial e contínua de um sítio de produção, onde se transforma a matéria prima num determinado produto. Contudo, esta fábrica era especial pois era preciso transformar lugares, personagens, ações, ideias, imagens em histórias para contar. Era como se existisse um papel em branco que necessita de ser preenchido com novas palavras, ideias e memórias, através da narrativa. Nesta fábrica, queríamos proporcionar um momento aberto ao mundo imaginário, onde os participantes explorassem os seus diferentes universos, com a missão da reinvenção e da criatividade. Sendo assim, foi proposto aos alunos a criação de uma história, com base nas regras do texto narrativa que já tinha sido apresentado anteriormente.

As crianças, divididas em pares, deveriam tirar, à sorte, as cartas que iriam fazer parte dos seus textos. Esta foi a opção que mais sentido fez para escolha, pois inicialmente, quando proposto às crianças que escolhessem as suas cartas, surgiram algumas discussões, já que dois grupos queriam ficar com a mesma carta. Consequentemente, por unanimidade, definiu-se que as cartas deveriam ser tiradas à sorte e os grupos desenvolviam os seus textos a partir das cartas que fossem saindo. Esta tarefa foi dividida por duas partes. A primeira, consistia na criação do texto, a segunda na leitura do mesmo perante toda a turma. Os alunos foram divididos em grupos de dois elementos, grupos estes que se iriam manter nas duas próximas atividades realizadas. Os grupos, escolhidos pelas professoras, foram formados com objetivo de se encontrarem conjuntos equilibrados, com alunos que não trabalhavam tantas vezes juntos, de modo a que as crianças pudessem conhecer melhor o outro, apoiarem-se mutuamente e auxiliar os colegas nas suas dificuldades e aprendizagens. Para a descrição e análise mais aprofundada destas tarefas foram escolhidos três grupos: F e S, M e D, D e C.

Os objetivos da tarefa contemplavam a ampliação do pensamento imaginativo e criativo, conciliando a perceção e a valorização da importância do trabalho colaborativo. Assim como o desenvolvimento da escrita, da leitura e da comunicação. A atividade era também uma forma de fazer uma revisão do texto narrativo apresentado anteriormente.

Descrição da tarefa - Grupo 1 – F e S

Este grupo foi composto por F, um aluno que se mostrava muito dedicado aos trabalhos em que se via envolvido, para além de apoiar os seus colegas. S era diferente, pois facilmente via a sua atenção a ser dispersada, com algumas dificuldades na leitura e na escrita, porém com uma capacidade imaginativa muito desenvolvida.

Quando retiradas as cartas, o grupo debateu-se sobre a organização das personagens bem como a organização do texto narrativo. Apresentam-se de seguida algumas evidências consideradas pertinentes para ilustrar o desenvolvimento do trabalho em questão.

S: *Eu acho que a princesa deveria estar no castelo, à espera do príncipe que luta com o dragão para salvá-la.*

F: *Eu acho que o dragão deve ser amigo do príncipe e voa até ao castelo para salvar a princesa.*

S: *Não! Os dragões não são amigos das pessoas, não achas?*

F: *E qual é o problema? É uma história, pode ter dragões que são amigos.*

S: *Professora, venha aqui.*

Professora: *Meninos, vocês têm de entrar em consenso, podem criar a história como quiserem. Eu não posso interferir desta forma, o texto é vosso, tentem entrar em acordo para continuarem. Nem sempre pode ser só as ideias de um, nem do outro. Há que ajustar as ideias umas às outras.*

S: *Ok, então desta vez fazemos como tu queres e depois como eu quero pode ser?*

F: *Olha podíamos, por exemplo, ter um príncipe mau que luta contra o dragão e o príncipe bom para salvar a princesa.*

S: *Mas não podemos ter mais personagens...*

Professora: *Podem sim, desde que usem as personagens das cartas, também podem aparecer objetos.*

S: *Ah, então boa! Depois é a minha vez de dar a minha ideia.*

F: *Ok, vamos escrever os dois!*

S: *Não, escreves tu e depois eu leio à frente.*

F: *Não, escrevemos os dois porque eu também quero ler e tu não sabes ler a minha letra.*

Este foi um grupo que, apesar inicialmente apresentarem ideias contraditórias, trabalhou muito bem. A diferenças entre ambos deu lugar à cooperação, e foram surgindo novas ideias por ambas as partes. Ficou decidido que deviam escrever na sua folha individualmente para que conseguissem perceber a letra e não atrapalhar o trabalho de ambos. Neste trabalho as crianças estiveram bastante concentradas e seguiram com as suas discussões de ideias até à conclusão dos seus textos.

Como se constata, também o papel da professora teve importância, na medida que impulsionou com que os alunos trabalhassem em grupo justamente para haver debate entre estes e que fossem capazes de chegar a um produto comum como é preconizado: “O professor organiza as actividades partilhadas quer intra-grupo quer entre grupos. Não demonstra como se fazem as tarefas, mas orienta as crianças, organizando situações educativas específicas” (Rubtsov, p. 14)

Apresentação final do grupo F&S aos colegas e aos docentes:

Professora: *Então meninos, qual é o título do vosso texto?*

F: *Uma noite assustadora.*

P: *Ok, podem apresentar aos colegas.*

S: *Eu leio metade e ele outra metade.*

Após a leitura dos textos pelos alunos:

P: *Como correu o trabalho?*

F: *Eu gostei muito, tive de ajudar a S mas trabalhamos bem juntos.*

Conseguimos fazer tudo bem.

S: *Eu gostei, trabalhámos bem juntos os dois. Foi uma fábrica divertida.*

As crianças conseguiram cumprir a sua tarefa. Discutiram ideias, conseguiram ler a sua história na totalidade, captando a atenção dos colegas durante a apresentação do texto. Os mesmos revelaram que gostaram de trabalhar em conjunto, afirmando que o trabalho e a elaboração da história correram bem. O F ajudou a S, apoiando-a na escrita de algumas palavras - escrevia a palavra no seu caderno e de seguida mostrava à colega, para que ela conseguisse copiar. Durante a leitura do texto, a S também apresentou algumas dificuldades, mas o F respeitou o seu tempo para soletrar a palavra, percebendo o que estava escrito, dando continuidade à leitura. Segundo Vigostky “A cooperação caracteriza-se por a ação de um e outro dos parceiros e também as maneiras de as coordenar serem consideradas do ponto de vista da sua contribuição para o objetivo partilhado” (Rubtsov, p. 14).

Descrição da tarefa - Grupo 2 – M e D

Este par de trabalho foi composto por M e D. M aparenta ser uma criança com pouca confiança nas suas capacidades e bastante tímida perante a turma. Por sua vez, D mostra-se muito autónomo e seguro. Ambas as crianças demonstraram um grande

empenho durante a concretização da tarefa. Notando-se alguma destreza e facilidade no processo de transformação das ideias em texto, os dois alunos conseguiram conciliar ideias, sem grande necessidade de conflitos, pois as ideias complementavam-se entre si. Quando M iniciava a ideia, D sugeria como a concluir, e vice-versa. Contudo, no momento da apresentação da narrativa à turma, mostraram dificuldades em chegar a consenso quanto a quem deveria ler a história perante à turma. Este acontecimento fez surgir uma dificuldade no processo de organização do trabalho em grupo, visto que esta tarefa já deveria estar decidida pelos alunos antes do momento da apresentação.

Apresentação final do grupo M&D aos colegas e aos docentes:

M: *Eu não quero ir, vai tu.*

D: *Eu? Não vou. Foste tu que escreveste e eu não percebo a tua letra.*

M: *Eu tenho vergonha, não vou.*

D: *Eu também não vou.*

M: *Então ninguém vai.*

A discussão ocorria em frente à turma, que ansiosa, esperavam por ouvir a histórias dos colegas. Foi então que o alguém interferiu na conversa:

T: *Então M, vai lá. Estás com vergonha de que?*

L: *Sim, vai lá. Estás com vergonha, mas nós já te ouvimos a ler.*

D, F, N: *(gritavam euforicamente pelo nome da colega, de modo a dar apoio) M, M, M!*

D: *Lê, M. Tu lêes muito bem.*

Professora: *Vamos lá, M?*

M: *Está bem.*

Neste contexto ficou clara a importância do apoio dos colegas para o sucesso da M. Foi gratificante perceber que toda a turma, em vez de se sentirem saturados perante a discórdia entre os colegas conseguiram deixar o episódio de lado e apoiar M perante a sua dificuldade e timidez ao se expor. Mostra, este episódio que as crianças foram capazes de resolver sozinhas a situação. Segundo Vigotsky, “se as crianças conseguem fazer alguma coisa em conjunto, como resolver um problema, serão mais tarde capazes de lidar sozinhas com tarefas ou problemas idênticos” (Rubtsov). É pertinente realçar ainda que os alunos ouviram atentamente a leitura feita pela colega.

Após a leitura os alunos foram questionados:

P: *Como correu?*

D: Foi uma coisa diferente que fizemos e podemos aprender de maneiras divertidas.

M: Eu gostei de trabalhar com o D e gostei dos meus colegas me ajudarem. Por causa disso eu consegui ler e trabalhamos muito...

Descrição da tarefa pelo Grupo 3 – D e C

Composto por D e C, este foi um grupo que se organizou de forma diferente do que se esperava pois, ao contrário do que era suposto, houve um trabalho maior por parte de um dos elementos dos pares, D, enquanto C apenas concordava com as resoluções da colega. D é uma menina bastante empenhada, autónoma e participativa. Por sua vez, C tem algumas dificuldades quanto à escrita, concentração e é muito exigente para consigo, zangando-se por não corresponder às suas próprias expectativas. Neste contexto, o objetivo de ficarem juntas era exatamente pelo apoio que D poderia disponibilizar à C. Contrariamente aos outros grupos que pediam com muita frequência a intervenção das professoras, este não a solicitou tantas vezes. Então, quando tentava perceber o que se passava à volta das meninas, era eu quem me dirigia às alunas.

P: Então meninas, está tudo a correr bem?

D e C: Sim. (olhou a C a sorrir enquanto a D respondeu e continuou a escrever).

P: Tu não estás a escrever C?

C: Não, a D escreve porque ela tem a letra mais bonita.

D: Mas podes escrever também no teu caderno, assim depois também tens o texto para ti.

C: Ok.

D: C agora temos de usar o objeto da sorte, o livro pode ser o mapa.

C: Está bem. Deixa-me copiar.

Durante este episódio consegui perceber que D assumiu o papel de líder, enquanto C limitava-se a concordar com as ideias e atitudes da colega. Este é um aspeto que não queríamos que acontecesse, pois para que exista aprendizagem das duas partes, as meninas deveriam cooperar, partilhar opiniões, ambas deveriam ter o poder de decisão. D foi quem comandou o grupo, deu as ideias, escreveu e por fim, foi quem apresentou o texto aos colegas.

Apresentação final do grupo D&C:

P: Meninas, podem começar.

D: Queres ler C?

C: *Não, podes ler tu* (com os braços cruzados perante a turma).

Após a leitura dos textos os alunos foram questionados:

P: *Como correu a realização do texto meninas?*

D: *Eu gostei, tivemos muitas ideias, foi divertido inventar esta história.*

C: *Eu também.*

O que se pretendia com este trabalho era que as alunas trabalhassem em conjunto com o objetivo de finalizar a tarefa. C apoiou-se bastante em D e deixou que a colega coordenasse toda a tarefa com ideias, na parte da escrita e na parte da leitura. Sendo assim, é possível concluir que o trabalho não foi realizado da melhor forma. Pois tal como defende Sérgio Niza “a cooperação é o processo educativo onde os alunos trabalham juntos para atingirem um objetivo comum, o que contraria a realização individual no trabalho de grupo” (Niza, A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO DE APRENDIZAGEM NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO, 1998, p. 81).

Avaliação geral da tarefa

Dados apresentados relativos a esta tarefa mostram que de uma forma geral os grupos se envolveram num trabalho cooperativo e assim, foram capazes de o concluir com êxito. Os alunos mostraram interesse em trabalhar com os colegas, respeito e vontade de aprender. Segundo os seus relatos “fiz um bom trabalho; o nosso trabalho está muito bonito” “realizar esta atividade foi muito divertido”; “foi uma coisa diferente que fizemos e podemos aprender de maneiras divertidas”; “eu gostei de fazer o texto com a minha colega porque em conjunto pensamos melhor.” mostravam-se orgulhosos deles mesmos pois exibiam os seus trabalhos alegremente ao mesmo tempo que se mostravam solidários na ajuda entre pares. M, por exemplo, declarou que estava feliz com a ajuda dos colegas e com o trabalho que conseguiu realizar. É possível evidenciar por parte dos alunos, com algumas declarações já descritas em, que mostram o lado prazeroso de trabalhar com o outro, bem como a descoberta deste tipo de trabalho. Esta forma de estar dos alunos deve-se bastante à forma de intervenção das professoras com as crianças, que de modo mais afetiva, demonstram orgulho para com os seus crescimentos e sucesso.

Em síntese, quanto ao desenvolvimento desta da tarefa, é possível concluir que foi executada e concretizada com sucesso, já que os objetivos foram atingidos. Um dos aspetos mais importantes é a organização da aula e dos materiais. Para que as crianças

possam aprender a sala deveria tornar-se num ambiente de aprendizagem, onde o respeito pelo tempo e espaço de cada aluno existe, assim como o sucesso individual e em conjunto da turma. O papel do professor no apoio oferecido aos trabalhos de grupo é também de extrema importância, pois sendo o professor o mediador das aprendizagens deve estar presente em todas as fases do trabalho dos alunos, tendo uma atitude de solicitude perante as conquistas e as dificuldades de cada um. É tarefa do professor harmonizar os conflitos entre grupos, num equilíbrio de partilha com os alunos. Segundo Sérgio Niza “a escola deve ser fundamentalmente um lugar onde se vai trabalhar; e é o grupo composto por professores e alunos que constitui a escola. É por isso que as nossas escolas devem ser organizadas cooperativamente” (Nóvoa, Marcelino, & do Ó, Sérgio Niza - Escritos Sobre a Educação, 2012, p. 42)

2ª tarefa – Correção dos textos sobre A fábrica das histórias

A atividade centrada na fábrica das histórias ocorreu como pretendido. De um modo geral existiu cooperação por parte dos grupos, apesar de terem existido algumas controvérsias como foi demonstrado nos diálogos transcritos anteriormente. Os alunos focaram-se bastante na construção das suas histórias e em como poderiam ser originais. Para que o texto narrativo fosse lembrado pelos alunos, surgiu a ideia de fazer a correção dos seus textos com base na estrutura do texto narrativo que já havia sido apresentado na aula. Desta forma, os alunos poderiam reler o que fizeram e rever os conteúdos. De modo a aproveitar a tarefa, as crianças deveriam também reconhecer as palavras e corrigir os seus erros ortográficos, revistos pela professora e com a ajuda do dicionário, com o intuito de ter contato com o material.

Foi proposto aos alunos que se juntassem novamente com os seus pares da atividade realizada anteriormente. Cada par ocupava uma mesa da sala e deveriam ter os textos consigo. Esta foi uma parte fácil, pois os meninos tinham realizado a escrita dos seus textos no caderno e facilmente tinham acesso às histórias. Para tornar a atividade atrativa e interessante para as crianças, foi-lhes posto à disposição um computador para que pudessem passar os seus textos para formato Word, de modo a que estes fossem corrigidos. Antes do processo, aprenderam como poderiam usufruir dos dicionários para a correção das palavras escritas incorretamente. Quando estes tivessem os textos

corrigidos deveriam solicitar a ajuda da professora para passar à fase seguinte – escrita no computador – outro meio de trabalho que era novo para eles.

Novamente as crianças foram colocadas em pares nas suas carteiras para que primeiramente fizessem a correção tanto em termos de forma (texto narrativo) como ortográfica dos textos redigidos.

Descrição da tarefa pelo grupo 1 – F e S

F: *Vá, corrige o que a professora pediu.*

S: *Calma, estou à procura da palavra príncipe no dicionário.*

F: *Mas fazemos isso com todas as palavras no fim.*

F: *Se não passares aqui, quem passa o texto no computador sou eu.*

S: *Mas não és tu que mandas, por isso, também vou passar no computador.*

F: *Professora, a S não quer corrigir o texto.*

S: *Ele não manda em mim, está a dizer que não posso mexer no computador.*

P: *Primeiro têm de passar para o caderno, de seguida passam o texto no computador.*

S: *És mesmo “chato”, não estás a ver que vou passar agora.*

F: *Já acabaste? Professora pode vir aqui?*

S: *Já estou na última linha.*

P: *Ok, já corrigiram. Podem ir ao computador.*

F: *Eu passo até esta linha (aponta para o seu caderno) e tu passas o resto.*

S: *Ok.*

S tentava fugir à correção das palavras pois necessitava de fazer a cópia do texto sem erros ortográficos no caderno. F já sabia o truque da colega para não realizar o trabalho.

S tentou não fazer a sua parte escrita no caderno. Demonstrou pouca disposição para a prática da escrita naquele momento. No entanto F, que assumiu uma postura de liderança, sentiu-se no direito de alertar a colega “se não passares o texto no caderno, sou eu quem passa no computador.”. Não foi necessária muita intervenção da professora, S pareceu perceber muito bem a advertência do seu colega que não deixou que S apenas assumisse a parte mais leve do trabalho. E, pelo trabalho que desempenharam seguidamente, é de acreditar que F pressionou a colega no momento exato. Aqui é possível ver que F queria que a divisão do trabalho fosse equilibrada e para isso era claro

para a criança que a sua colega deveria ter as mesmas responsabilidades para que o trabalho estivesse organizado e distribuído de forma igualitária. Ao contrário de um clima de competitividade F não queria ser reconhecido pelo aluno que trabalhou mais, mas sim trabalhar de forma cooperada com a sua colega. É possível afirmar ainda que F conseguiu chamar a atenção da sua colega sem criar conflitos. De acordo com Niza (Niza, 1998, p. 84) “os estudantes mostram maior satisfação no trabalho em situação cooperativa, do que em situação competitiva. Os alunos de turmas organizadas por pequenos grupos são mais cooperativos e altruístas quando podem escolher trabalhar com outros. Têm igualmente atitudes mais positivas em situação de conflito.”

Neste grupo entendeu-se que F assumiu o papel de líder e esteve sempre junto da sua colega para que S não se distraísse e pudessem concluir o trabalho. S aceitou as advertências do colega já que percebeu que F apenas queria trabalhar e sempre a tratou com respeito, mesmo quando chamou a sua atenção. Conclui-se a partir daqui que, o trabalho em grupo revelou-se frutuoso para ambos os elementos, já que foi criada uma dinâmica social e de pares benéfica aos dois. F soube impor-se, S soube reconhecer a necessidade de ajuda para com o colega e de trabalho em grupo.

No final do trabalho os alunos foram questionados:

P: Como consideram que correu o trabalho meninos?

F: A S estava muito distraída, mas nós conseguimos trabalhar juntos

S: Eu estava com algumas dificuldades, mas fiz a minha parte e conseguimos fazer tudo.

Descrição da tarefa pelo grupo 2 – M e D

D: Não encontravas porque estavas a procurar com a letra “u”, é com “o”. Temos de ver as palavras corrigidas pela professora.

M: Eu não sei como encontrar.

D: Primeiro procuras a primeira letra, depois a segunda... até encontrares a palavra aqui na página.

M: Ah, então escrevi mal.

D: Professora já acabamos podemos ir para o computador?

P: Sim, continuem com o ótimo trabalho!

M: Eu passo uma parte e tu outra.

D: Ok! Eu vejo se estás a escrever corretamente e se não tiveres digo-te.

Este é um grupo cuja dinâmica funcionou muito bem. Têm-se ajudado um ao outro. D encoraja M, sendo solidário com os receios da sua colega como por exemplo quando mostrou apoiante na situação em que ela não queria ler à frente dos colegas, referindo junto aos colegas que a menina lia muito bem. M, face ao que o colega disse e devido ao encorajamento por parte dos seus colegas mostra-se mais dedicada e receptível às informações e apoio que recebeu. Considerando que trabalhar em grupo é exatamente apoiar o outro, partilhar informações e saberes, e tentar que ambos tenham sucesso no que estão a desempenhar, mesmo nas situações que ocorreram à posteriori, foi notório que os dois elementos souberam executar a tarefa e estar em conjunto.

Exemplos que demonstram esta prestação dos alunos, são os momentos em que M teve receio em ler a história pelo grupo criada ou quando M teve algumas dificuldades em utilizar corretamente o dicionário.

Mais uma vez, após a correção feita no caderno, estes meninos apoiaram o trabalho do outro. Enquanto M escrevia, D verificava atentamente se todas as palavras estavam de acordo com o seu caderno, que já estava corrigido. M tentou fazer o mesmo enquanto o colega fazia a sua parte, mostrando assim que se apoiam e trabalham perfeitamente em conjunto. Este foi um grupo que compreendeu bem os objetivos do trabalho de grupo pois o respeito e a cooperação entre os dois foram evidentes ao longo de todo o trabalho.

No final do trabalho os alunos avaliaram o seu desempenho:

P: Como correu?

M: Eu gosto muito desta forma de trabalhar porque podemos ajudar quem tem mais dificuldades.

D: Correu bem, também gosto muito de trabalhar no computador e com outros colegas.

Descrição da tarefa pelo grupo 3 – D e C

D: C, fazemos assim, tu lêes as palavras que a professora corrigiu e eu procuro no dicionário para ver o significado das palavras.

C: Ok!

P: Meninas já estão a corrigir o texto?

D: Primeiro a ver as palavras que estão erradas, no dicionário.

P: *Quais foram as palavras que já encontraram?*

D: *“Egoísta”, estava com a letra “u”, “precisar” também porque estava com duas letras “s”.*

P: *E tu, C?*

C: *A D é que fica a ver no dicionário.*

P: *Mas agora podem trocar, talvez, assim também podes trabalhar com o dicionário.*

D: *Ok.*

Depois deste momento com o grupo a professora dá atenção aos outros. Quando retorna D está novamente com o dicionário.

P: *Então C, não encontraste as palavras?*

C: *A D é mais rápida a procurar as palavras no dicionário, eu ajudo também e vamos corrigir.*

A D e a C têm uma boa relação, são amigas, respeitam-se uma à outra e a amizade que mantém conduziu-as a um bom entendimento do trabalho. Contudo, este fato não as tirou da zona de conforto, uma vez que a D mostrou sempre a sua postura confiante e C menos confiante, o que acabou por parecer não ser tão positivo para a aprendizagem de ambas, visto que a troca de ideias era quase inexistente. Durante os trabalhos de grupo, C limitou-se a concordar com as opiniões e decisões da colega, sem apresentar também as suas ideias. A dinâmica destes elementos revelou-se estar dependente da figura da aluna mais segura e uma menos segura, que se apoiam uma na outra.

Neste episódio fica claro que a D assume a postura de líder do grupo. C confia nas ideias da colega e concorda com as suas decisões. No entanto, mais uma vez, não é o método de trabalho pretendido. C deixou que a sua colega fizesse o trabalho que também era seu. O trabalho de grupo deve ser uma partilha de opiniões, e um esforço de ambas as partes. C mostrou a falta de confiança que tem em si e deixou sobressair as suas dificuldades. Desta forma, podemos dizer o objetivo principal da tarefa não foi atingido na íntegra.

As alunas avaliaram o modo de trabalho:

P: *Como correu o vosso trabalho meninas?*

C: *Correu bem.*

D: *Eu acho que correu bem, fizemos tudo e eu gosto de trabalhar com a C.*

Avaliação geral da tarefa

Mais uma vez esta foi globalmente uma tarefa de sucesso. Todos os grupos finalizaram o que estava destinado a ser concretizado. Reviram os seus erros ortográficos e corrigiram-nos. Estiveram também em contato com instrumentos de trabalho que não são usualmente utilizados, como o dicionário e o computador. Demonstraram apreço pela atividade, tal como se verifica pelo que disseram acerca da mesma, com comentários bastante positivos: “eu gostei porque conseguimos trabalhar juntos, no computador”; “eu gosto de trabalhar em grupo porque é mais fácil e podemos ajudar os outros”; “podemos ajudar os outros, até ajudei o D que estava no outro grupo com dificuldades”.

Existiram grupos que fizeram um excelente trabalho como o caso de M e D que se apoiaram, aprenderam um com o outro, minimizaram as dificuldades de ambos em conjunto. Já o grupo de D e C, apesar do ótimo trabalho que prestaram, poderia ter tido uma postura mais cooperativa. C deixou que fosse a sua colega a realizar a maioria das fases do trabalho quando o pretendido era a partilha de conhecimentos e desenvolver a tarefa em conjunto, por ambas as partes. Não obstante, a tarefa foi muito bem gerida pelos alunos, que souberam aproveitar o tempo e a sala – utilizaram os espaços, materiais, e conseguiram finalizar o trabalho no tempo que era pretendido. De modo a finalizar a tarefa, existiu um debate geral na turma. Verificamos que houveram grupos que dinamizaram muito bem as tarefas. Existiram comentários como “gostamos muito de trabalhar um com o outro”; “poderíamos ter sido menos confusos pois estávamos com dificuldades quando devíamos dividir o trabalho”. Por fim, foi feita uma reflexão importante por parte dos alunos e professores em que foi possível concluir que trabalhar em grupo é a partilha, o apoio e a empatia pelos outros. Que devem sempre tentar dar o seu melhor e participar para que as atividades corram da melhor maneira e contribuam para as aprendizagens. O objetivo principal contemplava a ausência de competição por parte dos alunos, tal como a presença da partilha e de conhecimentos, o respeito pelo outro e pelas suas diferenças.

Análise das Tarefas - Grupos de 3 elementos

O trabalho de grupo não se limita apenas a grupos de pares. O objetivo foi também, noutras atividades, compreender o que acontecia em termos de funcionamento em grupos com 3 elementos.

1ª. Atividade – A difusão do gelo

Esta atividade está inserida na área do Estudo do meio e foi desenvolvida de modo a avaliar e aprofundar os conhecimentos dos alunos nesta área e perceber como desenvolvem o trabalho de grupo com 3 elementos.

Os objetivos desta tarefa são que os alunos trabalhem as capacidades de previsão, observação e verificação; a capacidade de respeitar os materiais da sala, e o trabalho em grupo que deveria ser assumir uma forma cooperada com partilha de informações e ideias dos seus colegas.

Deve ser frisada que a atividade foi pensada após a curiosidade das crianças, ao ter sido levada para a sala de aula a imagem de um boneco de neve com um casaco. Nesse momento os alunos foram questionados com a seguinte pergunta: “Será que o gelo derreteria mais rápido se o boneco de neve estivesse com ou sem o casaco?”

A esta questão foram colocadas diversas hipóteses: (i) o gelo derreteria mais depressa com o casaco porque aquecia; (ii) o gelo se fundia mais depressa sem o casaco pois o casaco ajudava o boneco de neve a manter-se frio. Por fim, as crianças respondiam que “talvez, com plástico o boneco de neve também conseguia manter-se frio e desta forma o gelo não se fundia.”; “ou então com papel o gelo poderia manter-se estável por mais tempo”. No fim do debate gerado ficou decidido, pelos alunos, que gostariam de ver em qual dos materiais o gelo não se fundia tão depressa – revestido em papel alumínio, tecido ou plástico.

Pensada e despoletada pelo interesse geral das crianças, esta atividade teve como base a questão: “Em que materiais o gelo se funde em maior tempo?”, gerando por isso a elaboração de uma experiência.

Assim sendo, os estudantes foram divididos em grupos de 3 elementos com o intuito de desenvolver competências sociais e a comunicação ao observar, prever, experimentar e verificar que materiais conservam durante mais tempo um cubo de gelo, tudo isto através do trabalho em grupo.

Neste sentido, foi proposto aos alunos a realização da atividade em grupos de 3 elementos que foram escolhidos pela professora. Cada grupo ocupou uma mesa da sala que já continha os materiais: pano, alumínio, plástico. Seguidamente o gelo foi distribuído por cada uma das mesas. Os alunos, face aos materiais, deviam seguir os seguintes procedimentos: elaborar uma previsão do que poderia acontecer, revestir cada cubo de gelo com cada um dos materiais pretendidos, observarem e tirarem as suas conclusões.

Os grupos foram escolhidos de modo a existir um equilíbrio entre as dificuldades e conhecimentos de cada um dos elementos.

Após formados os grupos, os alunos iniciaram as suas discussões e experiências.

Descrição da tarefa pelo grupo 1 - F, G, D

D: *Eu acho que ele vai derreter mais rápido no pano.*

G: *Eu também acho que sim.*

F: *Não, se puséssemos a manta ele ia ficar protegido.*

D: *Mas quando estamos com frio usamos a manta para aquecer.*

D: *G, copia do meu caderno.*

G: *Não me apetece.*

F: *Copia pá, eu também vou copiar.*

D: *G, não é para mexer no gelo.*

G: *Mas eu quero tocar no gelo antes de pôr no pano.*

D: *Assim o gelo vai derreter na tua mão.*

G: *Epá, cala-te e deixa-me.*

F: *Põe aqui o gelo para podermos ver a experiência, depois no fim tocas.*

F: *Professora, pode nos trazer outro gelo porque este já está a derreter?*

D: *Tu ficas responsável por observar o cubo de gelo do pano, o F fica com o do plástico e eu fico com o outro. O que derreter primeiro nós dizemos.*

D: *O meu já está derretido.*

G: *O meu é o que se vai aguentar mais tempo, ainda mal começou...*

D: *Não percebo como, porque isso é quente.*

F: *Porque ele protege o gelo.*

Durante todo o diálogo, foi possível perceber que os alunos não estavam de acordo com a atitude do seu colega, o G. Dessa forma, e para que o desentendimento cessasse, um dos elementos do grupo, F, conseguiu contornar a situação. Para que G pudesse ficar com cubo de gelo que tanto queria e conseguissem continuar o trabalho, foi solicitado pelo grupo outro cubo de gelo. Como estratégia o grupo decidiu dividir as tarefas.

É importante salientar que a organização que os alunos definiram acabou por fazer com que no grupo cada elemento trabalhasse individualmente e não partilhassem tanto as informações e o que pensavam, como era suposto. Cada um ficou responsável por observar um único cubo de gelo que definiram como o “seu”. E, posteriormente, cada um dos elementos tirou as suas conclusões no caderno de modo individual. Os alunos,

inicialmente comprometeram-se com um trabalho desenvolvido em grupo onde deveriam contribuir para o sucesso do mesmo, ao assumir a postura descrita anteriormente e ao permanecerem no trabalho individual, quebraram o propósito pretendido. Tal como afirma (Niza, 1998, p. 81) “o que distingue fundamentalmente a aprendizagem cooperativa é o facto de que o sucesso de um aluno contribui para o sucesso do conjunto dos membros do grupo. Este mecanismo de facilitação social adquire tanto maior eficácia quanto mais conscientes forem os membros cooperantes desta regra estrutural que os une.”

Após terminarem as suas observações surgem algumas conclusões por parte de todo o grupo:

Nesta conversação   possível verificar que as crianças constata  as suas ideias em relação ao que acontece ao cubo de gelo. Para além disso, F justifica o que está a acontecer, o que comprova um momento de aprendizagem, onde F tenta ajudar o raciocínio do colega, partilhando o que sabe.

Este primeiro grupo mostrava-se bastante empenhado, apresentavam as suas conclusões no que tinham feito, afirmando que o melhor revestimento para proteger o cubo de gelo seria o tecido.

No final do trabalho a professora interrogou os alunos sobre como desenvolveram o trabalho:

P: *Como correu?*

D: *Mal, eles não respeitam.*

G: *Não temos de respeitar, não às a professora.*

F: *Correu mal, o G não quer trabalhar nem respeitou o grupo e estava sempre a mexer nas coisas.*

G: *Eu não gosto de trabalhar em grupo. Preferia estar com o L.*

F: *Eu gosto, aprendemos muito mais em grupo e com os nossos colegas.*

Neste diálogo   possível perceber que o grupo no geral não estava satisfeito com o comportamento de todos os elementos perante a tarefa desenvolvida. Existiu conflitos entre os colegas, por não respeitarem uns aos outros e as regras que estabeleceram. Foi um grupo que desenvolveu maioritariamente a tarefa individualmente. Isso deveu-se por optarem pela divisão de tarefas quando deveriam ter observado a fusão do gelo em

conjunto. No entanto, pelo discurso de F, concordam que trabalhar em grupo e com os colegas tem vantagens.

Descrição da tarefa pelo grupo 2 - T, D, J

T: Opa, eu é que tapo o gelo.

D: Mas eu também tenho de fazer, não podes ser só tu.

J: Olha... já nenhum de vocês faz. (J retira os materiais da mesa)

D: Oh, professora...

P: Meninos, porque discutem?

J: Eles querem fazer tudo, um quer, o outro também quer.

D: Ela nunca me deixa fazer nada.

P: Como poderiam fazer para que todos conseguissem participar na tarefa?

J: Cada um pode por um na sua vez.

D: Então eu posso tapar o gelo, tu podes escrever as conclusões...

T: Eu posso observar qual dos cubos derrete primeiro.

T: Professora, não conseguimos perceber porque que o cubo se derrete mais depressa com o papel alumínio.

Neste diálogo podemos verificar que os alunos não conseguiram chegar a um consenso sem a presença do professor. Duas das crianças queriam ficar responsáveis por cobrir o gelo e não chegaram a conclusão de que cada um poderia fazer isso para cada cubo de gelo, pois havia exatamente um para cada uma delas. Não perceberam que a sua discussão só iria atrasar o trabalho que tinham para desenvolver.

Apesar dos conflitos, o que é algo natural quando se trabalha em grupo, foi possível fazer com que J percebesse que poderiam dividir as tarefas de forma a que todos contribuíssem para o trabalho que seria desenvolvido pelo grupo.

Neste episódio, o papel do professor foi, sem dúvida, fundamental para o bom entendimento entre o grupo. Como principal mediadora das aprendizagens, a docente não se limitou a resolver o problema pelos alunos, ao invés disso, ajudou-os a chegarem a uma solução sozinhos. Ao ter este comportamento, a docente encontra-se a transmitir aos seus alunos valores fundamentais para uma boa convivência em grupo, tais como a importância de saber parar para depois se refletir. Sendo assim, “quer isto dizer que as atitudes, os valores e as competências sociais e éticas que a democracia integra, se

constroem enquanto os alunos, com os professores, em cooperação vão experienciando e desenvolvendo a própria democracia na escola” (Niza, 1998, p. 84).

No final da tarefa a professora questiona sobre o trabalho desenvolvido:

P: *Então, correu bem?*

J: *Sim, dividimos o trabalho e correu bem.*

T: *Sim, conseguimos perceber onde o gelo derrete mais depressa.*

D: *Eu vou voltar a fazer em casa com a minha irmã, é divertida.*

Descrição da tarefa pelo grupo 3 - B, R, S

M: *E se deixarmos dois gelos com o mesmo plástico, assim demoram mais tempo.*

S: *Mas não é isso que é para fazer, dá cá o cubo de gelo.*

M: *Não dou, isto não é teu.*

S: *Mas é para trabalhar não é para brincar com o gelo.*

B: *Professora, precisamos de ajuda, não estamos a conseguir fazer sozinhos. Pode ficar aqui connosco?*

P: *Meninos, o que se passa?*

B: *Ele não quer fazer nada e está a estragar o nosso trabalho.*

P: *M, porque não estás a fazer a participar da vossa experiência?*

M: *Eu não sei fazer sozinha, preciso de ajuda, e eles não querem trabalhar.*

B: *Professora podes ficar aqui connosco para nos ajudar?*

Perante esta situação sentei-me, por momentos, junto do grupo de modo a poder apoiá-los nas suas dúvidas. Quando esclarecidas as questões apresentadas, voltei a dirigir-me para junto de outro grupo que novamente precisava do meu apoio.

Nestes episódios a intervenção do adulto foi necessária. Os alunos não estavam a respeitar os materiais, as regras de trabalho, e não cediam quando outro colega chamava a atenção. Mexiam no cubo de gelo, retiravam os materiais que utilizavam para cobrir o gelo, mesmo sabendo que não era o certo pois poderiam manipular a atividade.

Enquanto B e D discutiam, M parecia distraída e conversava com os colegas do outro grupo que ainda não tinha acabado a atividade.

Perante as dificuldades do grupo 2 e 3, e da turma no geral, percebi que poderia aproveitar as aprendizagens do primeiro grupo e das suas conclusões para ajudar os restantes. O principal objetivo desta atividade prendia-se com a partilha de conhecimentos,

observação, retirar conclusões e a entreaajuda entre todos para o sucesso em conjunto. Quando percebi que era possível que todos ficassem esclarecidos de uma única vez, entendi que o primeiro grupo poderia partilhar as suas ideias e o que tinham aprendido perante toda a turma de modo a ajudá-los e aprenderem como uma verdadeira equipa. Sem a presença do adulto para os orientar e mediar na atividade em questão, os alunos não teriam concluído com facilidade, isto porque os elementos do grupo demonstravam uma falta de cumplicidade entre eles. As bases do trabalho e as lógicas do pensamento face a tarefa solicitada encontram-se presentes, os alunos compreendiam o conceito da atividade cada vez que soltavam uma hipótese face a resolução do mesmo. No entanto a presença do conflito entre eles destabilizava a possível troca de aprendizagens.

No final do trabalho a professora questiona sobre o trabalho:

P: *Então, como correu?*

M: *Acho que precisamos muito da ajuda da professora, mas correu bem.*

B: *Correu bem, mas temos que trabalhar todos juntos.*

P: *Eu gosto de trabalhar assim, conseguimos fazer tudo.*

Avaliação geral da tarefa

É possível perceber que os meninos não estavam, de todo, habituados a trabalhar em grupo, como já tinha sido referido pela professora cooperante. Careciam de alguns aspetos fundamentais para que isso acontecesse, com por exemplo, o respeito pelos outros, o interesse pela atividade em questão e o saber ouvir e expor o que pensam. Uma das grandes dificuldades do desenvolvimento desta atividade caracterizou-se pela falta de ideia, por parte dos estudantes, de como poderiam organizar para um melhor funcionamento em grupo, como por exemplo, o dividir as tarefas de forma a poderem todos usufruir dos materiais. Outro aspeto que dificultou bastante o funcionamento dentro dos grupos foi a dificuldade em gerir e resolver os diversos conflitos que surgiam com relativa facilidade. As crianças alimentavam as discussões, muitas vezes irresolúveis, e necessitavam da intervenção da professora para acalmar o ambiente.

Apesar de tudo, podemos dizer que os objetivos da tarefa foram globalmente atingidos com sucesso. Afirmaram o seu gosto na concretização “Eu gostei de fazer este trabalho porque descobri coisas que posso fazer em casa também.”; “Eu gostei desta experiência e percebi muito bem depois que os meus colegas nos explicaram o que tinham feito”; “Eu aprendo

muito assim porque eu não sabia como explicar a experiência e os meus colegas nos ajudaram e foi fácil perceber.”

2ª. Atividade - Trabalho com os números

“Trabalhos com os números” foi desenvolvido como o 2.º trabalho em grupos de 3 elementos. Um dos seus objetivos principais destinava-se a uma pequena revisão de conteúdos matemáticos que haviam sido trabalhados recentemente, para que os alunos praticassem as estratégias de cálculo. A atividade foi pensada não só com base no objetivo descrito, mas também foi aliada ao gosto dos alunos pelos números e por realizar problemas matemáticos. Contudo, apesar do gosto pelos números, uma das grandes dificuldades dos alunos era a interpretação do texto. Devido aos problemas de leitura e interpretação, e organização dos dados de alguns alunos, tinham dificuldade em perceber o que cada problema matemático pedia.

Foi proposto novamente aos alunos que se reunissem em grupos. A turma foi dividida com os mesmos grupos de 3 elementos da atividade anterior, para que pudesse ser feita uma análise da evolução dos trabalhos do grupo, das suas atitudes e relações que eram estabelecidas. Foi atribuído a todos os grupos problemas matemáticos (ver em anexo) que deveriam ser resolvidos de forma cooperada e posteriormente apresentada a toda a turma as estratégias elaboradas por cada grupo, apelando aos conhecimentos das aulas anteriores. Cada grupo tinha a liberdade de escolher a estratégia matemática que preferiam utilizar, e apresentar os seus pensamentos e cálculos através de operações, imagens ou esquemas. Os principais objetivos desta atividade destinavam-se à reflexão sobre o comportamento individual de cada aluno perante o trabalho de grupo, ao desenvolvimento de competências sociais, como o respeito pela opinião do outro e a entreajuda. Para além disto, os alunos deviam aprofundar as suas aprendizagens adquiridas anteriormente, juntamente com a partilha dos seus conhecimentos e dos seus colegas.

As fichas de trabalho foram distribuídas pelos grupos e foi pedido que as lessem e tentassem perceber o que cada problema exigia. De seguida, já em voz alta, procedeu-se à sua leitura, pela professora, para que todos pudessem perceber do que se tratavam os exercícios. Seguidamente estabeleceu-se um tempo limite para que os grupos realizassem a tarefa e que em seguida apresentassem à turma.

Descrição da tarefa pelo grupo 1 - F, G, D

Problema: Na escola os pacotinhos de leite estão em paletes de 24 pacotinhos cada uma. Numa semana gastaram 5 paletes. Quantos pacotinhos leite se gastaram?

F: *Eu acho assim olha, eu sei que temos 24 leites e se são 5 iguais eu acho que temos que fazer uma “conta de mais”.*

G: *Epá, eu não sei ler isso, não vou fazer.*

F: *Eu vou ler o problema para ti e tu escreves como achas, que é para podermos ver.*

D: *Ah, sim, tens razão temos que desenhar 5 paletes com 24 leites e depois fazemos as contas.*

G: *Eu não sei fazer isso.*

P: *O que já fizeram?*

D: *Nós só temos que uma conta de mais em todos os problemas e podemos apresentar.*

É possível confirmar, com a discussão que existiu e com o interesse que os alunos demonstravam, que todos os elementos do grupo estavam envolvidos com a discussão do problema. Os alunos conseguiram partilhar as suas ideias e confrontá-las com colega de acordo com o que iam elaborando em sala de aula. Um dos aspetos que facilitou a discussão deste grupo é o prazer que têm quando desenvolvem tarefas na área da matemática. Uma das grandes dificuldades de um dos elementos do grupo, G, é a leitura. No entanto, com a ajuda dos colegas que faziam a leitura do enunciado sempre que o colega necessita, conseguiu participar no trabalho de grupo. Aqui é referida a importância de um grupo trabalhar sobre aquilo pelo que têm interesse, de forma cooperada, para que, dessa forma, o trabalho ocorra da melhor maneira e para que os alunos possam participar de forma igualitária, partilhando as suas ideias e estratégias.

No final do trabalho a professora questiona sobre o trabalho:

P: *Então, como correu? G, correu bem?*

G: *Sim, eles ajudaram-me a ler e eu consegui fazer tudo com eles.*

D: *Sim, nós gostamos de trabalhar assim juntos.*

P: *Podemos fazer mais trabalhos assim?*

Descrição da tarefa pelo grupo 2 - T, D, J

Problema: Qual é a moda da idade dos pais dos alunos da turma? Idades descobertas: 40, 33, 39, 36, 43, 38, 33, 32, 36, 34, 36, 40, 41, 43.

T: *Quantos pais temos?*

D: *Por que precisamos de saber isso?*

T: *Eu não sei o que é a moda.*

J: *A moda são todas as idades juntas e dividimos pelo número de pais.*

P: *Ah, então temos de fazer uma conta “de mais” e depois?*

J: *Não, está aqui no caderno que a moda é o número que se repete mais vezes.*

P: *Ah, não sei, vou ver nos apontamentos.*

T: *Sim, é o número que se repete mais vezes.*

P: *Então é o 36.*

O trabalho de grupo incute, precisamente, aos alunos a responsabilidade individual de cada um dos alunos que está no grupo. Aqui é possível perceber que todos os alunos se importam com o que estão a pensar, e com isso realçam perante todo o grupo o seu pensamento. É necessário que todos os elementos trabalhem juntos para o sucesso do grupo e é o que acontece quando discutem sobre a definição de moda e procuram nos apontamentos a veracidade dos seus pensamentos. Mais uma vez é importante salientar na capacidade de pensamentos e partilha dos alunos quando estão unidos pela resolução de algo do seu interesse.

No final do trabalho a professora questiona sobre o trabalho:

P: *Como correu?*

T: *Estávamos com algumas dúvidas, mas fomos à procura.*

P: *E conseguiram resolver? Trabalharam bem em conjunto?*

D: *Sim, o J ajudou-nos quando não sabíamos algumas coisas.*

Descrição da tarefa pelo grupo 3 - B, R, S

Problema: O Pedro tem 4 sacos com 23 chocolates em cada e o João tem 18 sacos com 5 chocolates em cada. Quem tem mais chocolates?

B: *Então aqui temos de fazer o que?*

R: *B, este é igual ao primeiro que fizemos.*

S: *Como assim?*

R: *Temos de saber quantos sacos juntos são.*

S: Não percebi nada do que vocês disseram, não percebo nada disso.

R: O que temos de fazer é desenhar os sacos com os chocolates de cada um as vezes que estão nos sacos.

S: Então vamos por 18 chocolates e os 23 juntos.

R: Não, o que temos de fazer é repetir o número pelas vezes que os sacos aparecem. Porque 23 vezes o 4 vai nos dar o resultado. Imagina repetimos os nossos 23 lápis 4 vezes.

S: Eu não consigo. Esquece, estou confusa.

R: Eu desenho para te explicar...

B: Professora, temos de apresentar tudo o que vamos fazer?

P: Sim, depois vão apresentar os resultados aos colegas.

R: Então vamos fazer as contas para saber quantos chocolates tinha em cada saco.

B: Já percebi o primeiro tinha o leite e também tínhamos de saber quanto era tudo junto.

Mais uma vez, com a resolução deste problema foi possível perceber a forma como os alunos se apoiaram e tentaram ajudar-se uns aos outros. S estava frustrada pois não conseguia perceber o que era pretendido. No entanto, o seu colega R mostrou-se disponível para ajudar a sua colega com palavras e até com desenhos que foram feitos no seu caderno.

Este episódio reflete, uma vez mais, a importância da cooperação entre pares para o desenvolvimento de aprendizagens e novos conhecimentos. Como se sabe, as crianças têm diferentes ritmos de aprendizagens, porém todos são capazes de aprender. Este trabalho é facilitado quando a relação adulto-criança e criança-criança é positiva, havendo uma colaboração ativa de ambas as partes. Neste caso, temos o exemplo de duas crianças, com diferentes níveis de desenvolvimento, que em conjunto conseguiram alcançar o objetivo pretendido.

Avaliação geral da tarefa

Durante as apresentações, todos os grupos se mantiveram interessados, partilharam o trabalho que desenvolveram em pequenos grupos e conseguiram captar o que era mais importante – perceber a problemática e resolvê-la com a partilha de conhecimentos e a entreaajuda.

Ainda que se deva frisar a importância da intervenção do professor em ambiente de grupo, a minha função nesta atividade foi menos ativa, pois a mesma foi muito bem desenvolvida

por todos os grupos. Muitos dos alunos concluíram que o desenvolvimento do trabalho de grupo na matemática pode ser vantajoso: “Aprendi muito com os meus colegas neste trabalho porque não sou muito boa à matemática”; “Eu adoro matemática e gosto muito de trabalhar em grupo; desta vez nós conseguimos organizar o grupo para que não houvesse discussão.” Assim, neste trabalho, pode concluir-se que não é o número de alunos por grupo (dois ou três) que influencia a tarefa, mas a própria natureza da tarefa. Ou seja, uma tarefa que envolva os alunos que os estimulem a pensar. Em segundo lugar destaca-se também o papel do professor na gestão dos grupos, quer quando existem conflitos, quer para tirar dúvidas, incentivando-os a procurarem e a e partilharem as suas ideias.

Capítulo V

Considerações Finais

Neste capítulo é apresentada uma síntese onde são expostos os aspetos pertinentes deste estudo, que permitiram dar resposta à questão inicial. Serão abordadas as dificuldades e aprendizagens que foram possíveis obter diante do desenvolvimento de todo o trabalho.

O estudo teve como objetivo aprofundar o conhecimento sobre práticas de aprendizagem cooperativa, assim como explorá-las e analisá-las em contexto de sala de aula, através da observação direta e da recolha de dados dos alunos. Estes foram construídos de forma a permitirem uma compreensão das vantagens e das dificuldades que este tipo de metodologia pode trazer.

O estudo desenvolvido assentou na prática da investigação-ação, associada a estratégias de mudança, no âmbito das práticas letivas enquanto professora-investigadora com os alunos. Esta prática possibilitou o envolvimento ativo do investigador.

O grande objetivo deste trabalho constituiu salientar que o trabalho de grupo contribui para o desenvolvimento e para o sucesso. Esta investigação constituiu uma fonte de desafios e teve por finalidade questionar a funcionalidade desta prática, compreender de que forma poderia ser favorável em sala de aula e promovê-la entre os alunos.

Relativamente às perceções e práticas dos alunos relativamente à aprendizagem em grupo, podemos concluir que este objetivo foi atingido. Através dos resultados do questionário inicial, pensou-se que pelo facto dos alunos nunca terem trabalhado em grupo, de forma sistemática, se seriam capazes de o concretizar, pois este exige colaboração e atenção ao outro. Olhando para as suas respostas e analisando com os cinco traços essenciais da aprendizagem cooperativa definidos por Johnson e Johnson (1990), parecia-nos, numa primeira abordagem, que apesar de alegarem não terem experiências com o trabalho em grupo, algumas destas competências não lhes eram totalmente desconhecidas. As primeiras impressões apontavam no sentido de que abordar esta prática seria algo de novo para a turma. Os alunos não sabiam trabalhar cooperativamente nem usar as competências sociais para potenciar a sua aprendizagem e melhorar os resultados académicos. A observação levou à descoberta de algumas carências e permitiu fazer um diagnóstico do que seria necessário trabalhar com a turma, quer ao nível das competências sociais, quer os mecanismos subjacentes à aprendizagem cooperada. Também na fase de

autoavaliação, foi-nos dada a conhecer a imagem que os alunos tinham do seu próprio desempenho e do desempenho do seu grupo, o qual, por vezes, não coincidia com o que a professora observava. Tal fazia com que se tornasse necessário desenvolver não só a capacidade de reflexão, mas também o grau de criticidade dos alunos. Não basta pedir aos alunos que façam uma autoavaliação do trabalho que desenvolveram. É necessário explicar por que razão é importante fazê-lo e em que é que isso melhora a aprendizagem. O confronto dos dados que foram possíveis retirar da observação com os dados da autoavaliação ajudou os alunos a consciencializarem dimensões importantes da aprendizagem cooperativa.

A minha experiência académica e profissional foi o meu maior impulso para implementar a metodologia do trabalho de grupo. Pessoalmente esta metodologia foi sempre bastante positiva no meu percurso pessoal, trazendo valores como empatia, solidariedade e respeito. O principal objetivo deste estudo foi perceber de que forma esta metodologia poderia auxiliar na aquisição das aprendizagens dos alunos e intensificar os momentos de cooperação entre eles.

Para o desenvolvimento deste projeto foi fundamental começar por perceber o comportamento das crianças enquanto trabalhavam de forma individual e o que estava incutido sobre o trabalho de grupo. Antes de propor e desenvolver qualquer uma das tarefas, foi fundamental a conversa com a professora cooperante e com os alunos sobre este tema e as suas considerações. Por parte da professora titular da turma foi possível compreender que este não era um método utilizado por razões do comportamento dos alunos e por ser um trabalho que merece mais tempo e dedicação. Foi defendido que o trabalho individual facilitava. Era o método usado pois desta forma os alunos trabalhavam de forma mais rápida e conseguiam reter as informações. Surpreendentemente, os alunos mostraram através de conversas informais um enorme interesse e vontade de trabalhar com os colegas. Mostraram ter conhecimento sobre ser ouvinte e ser ouvido pelos outros; trabalho cooperativo e respeito por todos.

De forma geral e com base no comportamento dos alunos durante o processo da realização das propostas de trabalho, é possível afirmar que o desempenho foi positivo. Por parte da professora cooperante e dos alunos foi possível recolher afirmações como “o trabalho de grupo contribuiu bastante para a relação entre os alunos e pelos seus comportamentos pode-se perceber que estão mais calmos e tolerantes”; “Prefiro trabalhar em grupo porque posso aprender com os meus colegas”. Deste modo, os alunos adquiriram competências

como ouvir e ser ouvido, ser paciente com o seu tempo e o do outro, contribuir com ideias e opiniões, respeitar o ponto de vista dos outros, ajudar e resolver conflitos. É importante salientar que todas estas competências sociais contribuem para o bom relacionamento do grupo e da turma e, conseqüentemente, beneficia o desenvolvimento do trabalho proposto. É possível concluir que as boas relações entre os colegas contribuem para que sejam atingidos os objetivos de aprendizagens em grupo.

De forma global, relativamente às características da aprendizagem cooperativa, segundo Johnson e Johnson (1990), não eram inicialmente conhecidas pelos alunos e nem sempre estiveram presentes durante as interações de grupo. A tarefa em que mais foi notório a ausência da responsabilidade individual e das competências sociais foi a atividade *difusão do gelo*. Foi a atividade em que os alunos necessitaram mais vezes da presença da professora para resolverem os conflitos presentes no grupo e para terminar a tarefa. Isto deveu-se também ao fato de ser uma atividade que não os interessou tanto como as restantes e acabou por refletir no empenho e concentração dos alunos.

Foi impressionante o entusiasmo de toda a turma na tarefa “a fábrica das histórias”. Mostraram-se motivados e felizes com o resultado do trabalho. Foi motivador para mim, enquanto membro dos professores da sala e impulsionadora deste projeto, presenciar a forma como a turma apoiou o grupo 2 na apresentação desta tarefa - “Lê, M. Tu lêes muito bem”; “Força, M” - mostrando preocupação pelo desempenho dos colegas, apoio e estímulo. Os alunos dedicaram-se e apoiaram-se uns aos outros ultrapassando dificuldades como o conflito, a timidez em expor as suas ideias e os seus trabalhos e a impaciência, o que fez com que a tarefa fosse bem-sucedida.

No que diz respeito à escolha das tarefas elaboradas, é de realçar que desde o início foi possível perceber que nem todos os tipos de tarefas seriam indicados para realizar em grupo. Deveriam ser elaboradas tarefas que permitissem aos alunos desenvolver as aprendizagens de um trabalho cooperativo.

A tarefa “a fábrica das histórias” proporcionou aos alunos o trabalho a pares. Foi uma tarefa complexa que permitiu aos alunos a troca de ideias, o desenvolvimento do pensamento crítico e o trabalho cooperativo. Para que resultasse os alunos deveriam tomar as decisões de forma conjunta. Esta atividade fez com que existisse entre os alunos momentos de interação. Considero que esta tarefa foi uma boa escolha pois tanto a nível dos objetivos da tarefa como do trabalho cooperativo foi positivo. No entanto, também

existiram tarefas que desencadearam outras atitudes, como é o exemplo da tarefa “a difusão do gelo” em que os alunos mostraram mais dificuldades em trocar ideias, resolver conflitos e relacionarem-se de forma harmoniosa entre eles.

As tarefas devem ser complexas de modo a estimular os pensamentos dos alunos; devem possibilitar o trabalho em grupo e de forma cooperada entre os alunos e não a divisão de tarefas em que cada aluno é responsável por uma parte e não pelo todo; e principalmente, deve ser do interesse do aluno e crucial para as suas aprendizagens.

Para responder à questão deste projeto “De que forma o trabalho de grupo contribui para as aprendizagens das crianças?” foi necessário refletir sobre todos os aspetos acima mencionados. É possível afirmar, após esta investigação, que o trabalho de grupo contribui para o desenvolvimento das aprendizagens das crianças – melhora a comunicação, incentiva a ajuda e a interação, desenvolve a confiança e possibilita a partilha. Através desta metodologia os alunos aprendem uns com os outros e passam a conhecer as suas capacidades dentro de um grupo. Para que um trabalho de grupo resulte é necessário que exista a vontade de aprender e chegar ao objetivo, assim como a discussão sobre o mesmo e sobre as atitudes ao desenvolver o trabalho. Os alunos devem ser capazes de argumentar, ouvir e agir de forma a chegar a uma conclusão.

Relativamente à minha postura enquanto professora e investigadora deste tema de trabalho, o meu objetivo foi ter a capacidade de fazer existir um equilíbrio nos momentos quando era necessário intervir para ajudar os alunos, eventualmente a resolver um conflito e apoiar as suas aprendizagens, e quando isto não era necessário, sendo papel do aluno tentar ultrapassar essas dificuldades. Este foi o meu maior desafio enquanto professora e observadora. De facto, saber quando observar e quando intervir na altura correta ajudou nas minhas reflexões posteriores.

Esta investigação foi muito importante no meu percurso pessoal e profissional. Pude comprovar com todas estas intervenções que o trabalho de grupo é muito importante para as aprendizagens, para desenvolver uma parceria com as pessoas com que partilhamos momentos importantes, para partilhar ideias, refletir, concluir e, consequentemente, desenvolvermo-nos em todos os aspetos que envolvem valores como solidariedade, empatia e respeito pelos outros.

Referências

- Barbosa, L. (1998). *Trabalho e dinâmica dos pequenos grupos. Ideias para professores e formadores*. Porto: Edições e afrontamento.
- Bessa, N., & Fontaine, A. M. (2002). *A Aprendizagem Cooperativa Numa Pós-Modernidade Crítica*. Porto.
- Destacável Noesis nº77. (s.d.). *Redescobrir Vigotsky*. Ministério da Educação.
- Fontes, A., & Freixo, O. (2004). *Vygotsky e a Aprendizagem Cooperativa*. Livros Horizonte.
- Johnson, D. W., & Johnson, R. T. (1999). *Teaching Students to be Peacemakers*. Fourth edition.
- Lopes, J., & Silva, H. S. (2009). *A Aprendizagem Cooperativa na Sala de Aula: Um guia prático para o professor*. Lidel.
- Mão-de-Ferro, A., & Fernandes, V. (1992). *O Formador e o Grupo*. Lisboa: Informação e Documentação.
- Niza, S. (1998). *A Organização Social do Trabalho de Aprendizagem do 1ºCiclo do Ensino Básico*. Inovação.
- Niza, S. (1998). *A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO DE APRENDIZAGEM NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO*.
- Niza, S. (1998). *A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DO TRABALHO DE APRENDIZAGEM NO 1ºCICLO DO ENSINO BÁSICO*.
- Niza, S. (2012). *Sérgio Niza - Escritos sobre Educação*. Lisboa.
- Nóvoa, A., Marcelino, F., & do Ó, J. R. (2012). *Sérgio Niza - Escritos Sobre a Educação*. Lisboa.
- Nóvoa, A., Marcelino, F., & do Ó, J. R. (s.d.). *Sérgio Niza - Escritos sobre Educação*. Lisboa.
- Peterson, E. H. (2011). *A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea*. São Paulo: Editora Vida.
- Redescobrir Vygotsky. (2009). *Destacável Noesis nº.77*. Ministério da Educação.
- Sim-Sim, I., Silva, A. C., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Vanoye, F. (1979). *Trabalhar em Grupo*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Vygotsky, L. (1978). *Mind and Society: The Development of Higher Mental Processes*. Londres.

Apêndices



Figura 1 - Fábrica das Histórias



Figura 2 - Trabalho Ciências



Figura 3 - Grupo de trabalho



Figura 4 - Apresentação do trabalho